UM ATLAS PARA OS POVOS 22

Umha nova obra científica, fruito da colaboraçom entre o NOVAS DA GALIZA, a AGAL e a Difusora de Letras, Artes e Ideas, está caminho de sair do prelo. À volta dela falamos com Abraán Bande, participante no projeto.

TRABALHO FEMININO 11

Existem umha série de problemas no mercado de trabalho no nosso país atribuídos nomeadamente à crise atual. No entanto, cumpre atribuír à crise os que dela se derivam e situar alguns outros no lugar medular que lhes corresponde.

"É imprescindível para o povo continuar a ter umha força nacionalista que represente o país"

GORETTI SANMARTÍN
É secretária de política municipal na Executiva Nacional do BNG
Pág. 8 e 9

NÚMERO 148 | 15 DE MAIO A 15 DE JUNHO DE 2015 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

FILGUEIRA VALVERDE

2015: UM DIA DAS LETRAS QUE NINGUÉM VIU PASSAR

A eleiçom por parte da Real Academia Galega de umha personagem como a de Filgueira Valverde para a comemoraçom do Dia das Letras Galegas resultou numha celebraçom que careceu do caráter expansivo e social que acompanhárom ediçons anteriores, como as dedicadas a Lois Pereiro ou Roberto Vidal Bolaño. O passado fascista de Filgueira Valverde, oculto nos discursos oficiais, forçou umha situaçom em que os setores mais comprometidos com a defesa da nossa língua se revoltárom contra a sua homenagem, pondo-se em dúvida a utilidade de umha data como o 17 de maio para a normalizaçom do galego. / PÁG. 15-17

Ativismo galego no País Basco

A comunidade galega naquelas terras organiza-se para divulgar a nossa cultura e interagir com a autóctone / PÁG.12-13

ENTREVISTA À SEXÓLOGA VERÓNICA RAMILO

Para além dos estereótipos sexuais

"No sítio de fazermos aquilo que desejamos, fazemos aquilo que se supom que temos que fazer". Com esta ideia, a sexóloga Verónica Ramilo afunda na relaçom entre consumirmos sexualidade, as dificuldades eróticas ou, entre outras, as sexualidades das pessoas com diversidade funcional. Reflexiona sobre políticas levadas a cabo por governos como os da Dinamarca, Alemanha ou Suíça, como as dedicadas a financiar a assistentes eróticos ou outras figuras de educaçom sexual. / PÁG. 20-21

VERA-CRUZ MONTOTO

ACORDO COMERCIAL ENTRE OS EUA E A UE

Terapia de 'shock' também para Europa

Um dos lugares-comuns no discurso crítico com o Tratado Transatlântico de Comércio e Investimentos (TTIP) é que este é um acordo sem precedentes, que nunca nos enfrentamos a nada igual. A realidade é que planos de choque como o TTIP -isto é, de natureza económica neoliberal e impostos de maneira antidemocrática-, levam sendo aplicados desde há décadas por todo o mundo. A jornalista Naomi Klein chamou esta prática do capitalismo como 'terapia de *shock*'. / PÁG. 18-19

OPINIOM

QUEREMOS por Abraám Alonso Pinheiro / 3

UM VÍNCULO QUALQUER por Maria Rosendo / 3

CAMPOS DE BATALHA por Lara Rozados / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

A BATALHA DO CAMBEDO
Segunda parte do trabalho de aproximaçom à batalha das duas ditaduras ibéricas contra guerrilheiros antifascistas

DAS VENDAS, DAS MERCAS E DAS FEIRAS
Óscar Valadares mergulha na toponímia relacionada com feiras e mercados que se estende polo país adiante

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

ALGUMHAS ACLARAÇONS SOBRE LINHA EDITORIAL E ALGUMHAS REFLEXONS SOBRE O TRABALHO MILITANTE

A publicaçom no passado número do NOVAS DA GALIZA dumha peça arredor das 'marés' ou 'candidaturas cidadás' com umha série de interrogantes que geram estes processos reportou-nos algumhas poucas respostas muito negativas, mesmo em forma de baixas de assinantes, algumhas delas apoios do projeto desde um começo. Embora sejam quantitativamente poucas, parece-nos necessário dar umha resposta que será, ademais, pública e extensa para todas as leitoras e leitores do periódico. Nom queremos que haja umha possibilidade, por pequena que for, de que quem lê o NOVAS fique com a impressom errada que estas críticas nos fam ver que se poderia tirar. Algumhas aclaraçons necessárias:

– **O NOVAS DA GALIZA nom se posiciona a favor das candidaturas cidadás existentes, seja qual for a sua génese e composiçom. Nom apoiamos projeto eleitoral nengum dos existentes ou por existir. Mais ainda, questionamos todos e cada um deles**: das 'marés' às 'assembleias abertas', a nossa postura e dar-lhes voz agora e ficar alerta para julgar polos seus feitos quem se apresenta como defesa dos interesses populares. "Que, em todo caso, nunca a maré nos impida ver o mar de ruas mobilizadas e a construçom popular e autónoma", apontávamos no editorial. A experiência leva-nos à desconfiança, a nossa fidelidade aos factos leva-nos a nos limitar a estes. Polo de agora, noticiarmos o que os agentes eleitorais oferecem. Quando exercerem de representantes políticos em governos ou oposiçons julgaremos as suas posiçons.

– Desconcerta-nos que algumhas leitoras podam encontrar umha vontade no NOVAS de ocultar o 'espanholismo' dos partidos participantes destas candidaturas. **Som tam públicas e notórias as obediências estatais de Esquerda Unida e Podemos, assim como o âmbito estatal dos seus projetos nacionais, que parecia supérfluo na redaçom lembrar algo tam óbvio**. Mais ainda, se dedicarmos umha página a falar da composiçom destas candidaturas nas cidades, foi para pôr acima da mesa justamente quem som os agentes a operar nelas. Tanto para sabermos em que naçom se enquadram como para sabermos de onde venhem. Dizíamos no editorial: "O certo é, porém, que em muitos destes casos a natureza assemblear parece limitar-se ao formal e nom apresentar grandes diferenças com a habitual em frentes de partidos às que estamos mais habituadas. E também muitos nomes dos que agora enchem essas listagens nom som novos".

– **Teria cumprido talvez achegar umha multiplicidade de vozes que haverá quem estranhe num texto tam longo em que só o objeto de análise -e questionamento- tem voz**. Também algumhas de nós assim o julgamos, e assim o valorizamos como autocrítica no Conselho de Redaçom. Em repetidas ocasions algumhas vozes tenhem criticado o nosso tom 'excessivamente' incisivo com a política partidária, por sermos demasiado 'ácratas' ou 'antipartidos'. Levamos tempo com essa reflexom na cabeça, e o primeiro momento em que nos tocou enfrentar de novo algo neste campo é nestas eleiçons. É possível que, tanto na entrevista reportageada do mês passado como na que publicamos neste mês com o BNG, essas críticas tenham pesado mais do devido, e tenhamos caído para um outro extremo, excessivamente comprazente. Assumimos a crítica, tomamos nota e continuaremos a afinar o tom.

"NOVAS DA GALIZA é um periódico apartidista. Informará da maneira mais rigorosa possível e a partir da independência de partidos políticos, procurando refletir a pluralidade da sociedade". Este figurava como terceiro dos oito Princípios Fundacionais publicados no primeiro número do periódico há já 13 anos, em fevereiro de 2002. E continua desde aquela, e enquanto este meio existir, intato como linha reitora da militância neste periódico "ao serviço da liberdade de expressom, para defender o direito da cidadania à informaçom plural e honesta".

As cousas nem sempre saem bem quando se procura sustentar um periódico mensal de 32 páginas com umha equipa fixa de sete pessoas (sem desmerecer o trabalho de colaboradoras). Somos desempregadas, desempregadas a estudar ou trabalhadoras a tempo parcial. No passado mês duas de nós mudamos a nossa situaçom, e o NOVAS sofreu a nossa entrada em novos postos de trabalho. A data de saída do jornal dá testemunho.

Nom sempre as energias e as capacidades no periódico estám nos níveis de que gostaríamos. E sem que isso signifique que deixemos de nos exigir o máximo, explicita que cumpre fazermos o esforço por achegar as novas maos, e sobretodo novas olhadas e perspetivas, de gente que nom se aproxima, mas que queremos crer que está por aí à espera dumha oportunidade de participar deste projeto. Doutro modo, este estaria a deixar de ter sentido.

Sentimos, por outra parte, que este tipo de intercâmbios nom sejam mais habituais no periódico, pois sempre defendemos que nos encantaria ter criado um público ativo, crítico, com vontade de fazer seu o projeto e de fazer-nos chegar opinions que nos fagam melhorar, ou já simplesmente reflexionar. Sentimos por vezes, e é umha reflexom de velho que aproveitamos para compartilhar, que nom se nos comunica nada, exceto tarde e aliás é, quase sempre, para a crítica destrutiva.

Com certeza, parte desta falta de *feedback* será responsabilidade nossa. Na manutençom dum projeto coletivo que vive de mui poucas maos militantes, a simples sobrevivência e continuidade da publicaçom mensal absorve quase sempre entre 90 e 110 por cento do trabalho que a equipa pode achegar. É portanto, acompanhando desde há tempo, tarefa pendente estabelecermos novas e melhores vias de comunicaçom. E nisso trabalhamos, enquanto preparamos a renovaçom do projeto e ampliaçom de equipa. Tarefas difíceis que nom abandonamos.

Conselho de Redaçom
do NOVAS DA GALIZA

HUMOR MINCINHO 1945

EDITORA
A.C. MINHO MEDIA

CONSELHO DE REDAÇOM
Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Beti Vázquez, Alonso Vidal e Ana Viqueira

COORDENAÇOM: Xoán R. Sampedro

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Raul Rios / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rua Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Isabel Rei Samartim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambruñeiras e Julio Vilariño

MAQUETAÇOM: H. Carvalho, Manuel Pintor

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM: Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

FECHO DE EDIÇOM: 17/05/2015

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Abraám Alonso Pinheiro, Maria Rosendo, María do Carme Garcia Negro, Maria Álvares, C.C.V., Jacinta R. Trobo, Tiago Peres, Lara Rozados, Óscar Valadares, Janma Sanches, Charo Lopes, Duendeverde, Alberte Pagán

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Queremos

Abraám Alonso Pinheiro

A esquerda independentista e anti-sistema conta com qualidade suficiente para construirmos um referente político de massas. Nom temos forma (quantidade).

Para muitas das mulheres e homens que tomamos nalgum momento das nossas vidas a decisom de nos comprometer com a transformaçom da sociedade é evidente que nom damos com o facto ajeitado para a ocasiom.

Somos pessoas. Carne e osso com um tempo vital finito constituindo umha sociedade que herdamos, na qual intervimos e que ficará quando finemos. A nossa intervençom poderia ter sido "passiva", desenvolvendo o papel ao qual as condiçons materiais nos empurrárom, mas nom. Ao tempo que sobrevivemos e com a vontade jogando um papel importante, tornamo-la "ativa".

Sabemos da necessidade de atingir influência nos e nas nossas coetâneas. Aspiraçom presente em toda organizaçom ativista, mas sacrificada a miúdo pola dificuldade de atingir esse objetivo. Acabamos por acreditar em que erra quem nom nos segue, e nom em que somos nós quem nom damos no alvo para chamar a sua atençom e conseguir que se ativem.

Essa influência em chave galega, a dia de hoje, ainda com umha linha de mínimos nos planos social e nacional, só a tem o nacionalismo. Este, no seu conjunto, é mais prejudicial para Espanha e para o capital por quantidade que por qualidade. E é que umha linha de mínimos implementada com um importante contingente deste povo é quem de travar num grau considerável os interesses do inimigo mais do que minorias com posiçons de máximos que rematamos por ser só o eco das nossas consignas nas próprias filas.

A quantidade multiplica a qualidade. O BNG, ainda na sua fase mais autonomista, continuava a ser a olhos da maioria social deste país quem defendia e espalhava a potencialidade dumha Galiza livre. O fundo, seria mais ou menos real, mas a forma era conhecida quase pola totalidade deste povo.

A quantidade é imprescindível para, através umha linha mais grossa, abrir as portas a benefícios para a maioria. Essa linha grossa será implementada quando a classe trabalhadora do nosso país seja sujeito ativo e direçom da sua luita. A pequeno-burguesia tem ainda a água nos tornozelos e por isso, salvo excepçons, uns limites para implicar-se a fundo dos quais carece quem a tem ao pescoço.

É vital colocar a atençom na quantidade e na forma. Qualidade temo-la. A esquerda independentista e anti-sistema da Galiza conta com qualidade suficiente para construirmos um referente político de massas neste país que faga frente. O que nom temos é forma (de quantidade).

Quem mantemos a vontade devemos combinar, falar, imaginar e criar. Urge que as e os que queremos fazer da Galiza umha trincheira de utopias em construçom fagamos porque esse espaço do qual lançar-nos à quantidade exista quanto antes.

Um vínculo qualquer

Maria Rosendo

Imagine esta situaçom: umha moça duns trinta anos e cabelo crespo dirige-se a um bar para topar-se com umha amiga. Ao chegar, a amiga, umha moça de trinta e óculos verdes está numha mesa com umha cerveja.

A moça do cabelo crespo, chamemos-lhe Xandra, pede um sumo de pêssego e vai para onde está sua amiga, a moça dos óculos verdes que ponhamos que se chama Laura.

Xandra e Laura saúdam-se com um beijo. Passados quatro minutos protocolários de recebimento, as moças começam a falar sobre o novo emprego em que agora Laura é explorada: trabalha num conhecido bar da cidade sem horário fixo e nom cobra nocturnidade nem horas extra. Laura fala da relaçom com o chefe:

- Se nom há muita gente manda-nos para a casa e nom cobramos. Para alem...

Nesse momento, Xandra, que até agora olhava com aparente atençom para sua amiga, tira da sua saca um livro e pom-se a ler.

A Laura carrega a celha, como botando para afora um aquele de confussom, mas a moça continua o seu relato, prendida da indignaçom que lhe supom lembrar as condiçons às que se vê submetida no trabalho:

- Temos que fazer de verdugo de nós próprias: juntar-nos aí e ver a quem lhe fai mais falta o dinheiro e entre nós decidir...

- Como dis? -Xandra volta a olhada para a Laura, 5 segundos depois é que volta a sua atençom,

- Sinto-o, é que tinha o capítulo sem rematar. Manda-vos para casa quando nom há gente?

- Sim -Laura percebe que Xandra perdeu parte do relato e repete-. Mas o pior é que ele nom decide quem marcha: fai-nos escolher a nós!

Estamos imersas já numha sociedade do imediato que nos fai estar disponíveis para todxs em todo o momento e, afinal, nom estar autenticamente para ninguém.

Nesse momento Xandra olha para o livro como se este chamasse por ela; pega nele e começa a ler. Laura prossegue o seu relato mas só por 10 segundos; depois opta por calar e aguardar a que sua companheira remate a leitura. Entretanto, Xandra começa a se relacionar com o livro: fai acenos, onomatopeias e até bota impropérios, aparentemente molesta por algo do que está a acontecer lá dentro.

- Desculpa Laura, tento aclarar umha cousa.

- Entendo.

Passados 49 segundos de comunicaçom entre Xandra e o livro, a moça aparta-o com um aceno de indignaçom e comenta:

- Nom o entendo, parece que sempre tem umha excusa.

A conversa mantém-se entre Laura, Xandra e o livro durante meia hora. Vazios os copos, as moças acordam marchar e despedem-se no bar até mais ver.

Se você deu imaginado esta situaçom poderá pensar que nom é muito verosímil; que Xandra tem um problema psicológico; que Laura é umha parvajola por aguentá-la; ou outras possibilidades. Com todo, é provável que ache longe de acontecer umha situaçom assim.

O triste é que cada dia todxs somos nalgum momento Lauras ou Xandras, imersas já numha sociedade do imediato que nos fai estar disponíveis para todxs em todo o momento e, afinal, nom estar autenticamente para ninguém.

Se o livro da Xandra fosse um telemóvel a história nom mudaria, mas sim a nossa percepçom dela, que já assimilamos estar em conversas múltiplas ainda que fisicamente sejamos só duas.

E afinal, entre tanta mensagem instantânea, convencemo-nos de que fazer cousas à vez é o mesmo que fazê-las juntas.

P.S. O bar em que Laura é explorada existe numha cidade chamada Compostela.

ACONTECE

TERCEIRA MARCHA DOS COMUNEIROS DE CABRAL

É a terceira primavera que a vizinhança de Cabral (Vigo) sai em manifestaçom em defensa do monte em mao-comum. A concorrida marcha exigiu democracia e transparência na comunidade de montes para evitar o projeto especulativo de PortoCabral.

MENTIRAS E VERDADES SOBRE VENEZUELA

O coletivo internacionalista Mar de Lumes celebrou o seu segundo aniversário com duas charlas sobre Venezuela e os meios de comunicaçom, centradas no papel dos meios alternativos e na agenda dos grandes grupos mediáticos.

PRIMEIRA VÍTIMA MORTAL DO ANO NA GALIZA

Feminicídio evidencia a desproteçom das mulheres frente agressons machistas

NGZ / María Isabel Fuentes Fernández ingressou no Complexo Hospitalário Universitário de Ourense (CHUO) o 2 de abril com um forte traumatismo na cabeça causado por umha machada. A Guarda Civil afirma que o principal suspeitoso desta agressom era Aniceto Rodríguez, marido de Isabel Fuentes, sustendo que havia indícios avondos para considerá-lo um caso de violência machista. O Tribunal Superior de Justiza da Galiza assegura que nom houvo nengumha petiçom de ordem de afastamento pese que a Guarda Civil afirma que solicitou medidas cautelares tanto de forma verbal como por escrito.

No próprio quarto do Hospital, o 8 de maio Aniceto Rodríguez matava Isabel Fuentes assentando-lhe múltiplas apunhaladas em abdominal e peito. O agressor, após tentar suicidar-se, encontra-se ingressado na UCI depois de ser intervido de urgência. Segundo fontes policiais, será acusado de assassinato.

Denunciam passividade de instituçons e sociedade

O sábado, 9 de maio, as principais cidades do país acolhérom concentraçons de repulsa contra o primeiro feminicídio que ocorre este ano na Galiza. Em Ourense, perto de 300 pessoas concentrárom-se junto à Subdelegaçom do Governo acompanhadas de cartazes com lemas como "Querermo-nos vivas" e "O machismo mata". Nas mobilizaçons, denunciou-se a violência machista, "violaçom de direitos humanos e problema estrutural que afeta a todas e a todas e a passividade das instituçons e a sociedade ante as mulheres assassinadas desespera-nos... Onde estám as marés humanas? Onde está a indignaçom social, política e mediática?".

FISCALIA ACUSA-O DE PREVARICAÇOM

Imputado candidato do PSdeG à alcaldia da cidade de Ourense

NGZ / Dez dias após as eleiçons municipais, o candidato socialista à alcaldia de Ourense e concelheiro de Fazenda no governo local, José Ángel Vázquez Barquero, deverá declarar como imputado por um delito de prevaricaçom. A Fiscalia acusa-o de colocar de forma ilegal a líder do partido no município, Carmen Rodríguez Dacosta, como diretora geral de pessoal no concelho.

A designaçom fora anulada mediante duas sentenças firmes nas que se apelava à existência de desviaçom de poder no poder dos concelheiros que aprovavam seu nomeamento numha junta de governo local. Os falhos judiciais fam finca-pé em que Rodríguez Dacosta já era concelheira nom eleita polo que esta designaçom só tinha como objetivo mantê-la em nómina. Semanas depois, a socialista foi nomeada igualmente, com mesmo soldo e competências, através dum procedimento que a justiça declara ilegal.

Vázquez Barquero, que derrotou ao ex-secretário geral Pachi Vázquez em primárias, defendia daquela que nom era partidário de concorrer a comícios junto com imputados. Faz cinco meses, o candidato socialista baixou esta linha vermelha aplicando a expulsom de militantes que ocupem postos públicos só no momento no que se dite a apertura de juízo oral contra eles. No caso dumha hipotética retirada da sua candidaturas, a própria Rodríguez Dacosta converteria-se em candidata.

CRONOLOGIA

10.04.2015 / Apresenta-se a iniciativa 'Voltar á terra' para que a mocidade emigrada poda regressar e trabalhar na Galiza.

11.04.2015 / Morre esmagado Alberto Valle Álvarez enquanto trabalhava numha louseira da Cafersa regenta em Riodolas (Carvalheda de Val d'Eorras).

12.04.2015 / Viguesa em estado grave trás ser acuitelada polo seu ex companheiro sentimental.

13.04.2015 / Estudantes de Salvaterra e Monção realizam cadeia humana sobre o Minho para comemorar 20 aniversário da inauguraçom da ponte internacional que une as duas vilas.

14.04.2015 / Morre um trabalhador esmagado por umha árvore em Vilalva. Ao dia seguinte, falece outro operário polas mesmas causas em Pantom e, dous dias depois, um terceiro em Pontecesso.

15.04.2015 / Vizinhança da Rua do Tambre (Santiago) fabrica umha marquise para aguardar polo autocarro trás reclamarlha em reiteradas ocasions à câmara.

16.04.2015 / Morre Julio González Vieitez, vizinho de Valeixe (Caniça) trás ser atropelado polo seu próprio trator quando arava no lugar de Carrazedo.

18.04.2015 / Concentraçons em toda Galiza e umha manifestaçom em Vigo mostram oposiçom à sinatura do Tratado Transatlântico de Comercio e Investimentos entre a UE e os EUA.

20.04.2015 / Mais dum cento de marinheiros galegos que trabalhárom em buques de bandeira norueguesa manifestam-se em Compostela para exigir a este país as suas pensons.

21.04.2015 / Esculca e Avogados Novos de Vigo denunciam maus tratos e torturas nas prisons galegas, em especial na Lama e Teixeiro.

22.04.2015 / Plataforma antidespejos denuncia que a câmara de Vila Nova de Ozcos bota da sua casa umha família com escassos recursos ao acabar o aluguer social que assinaram 5 anos atrás.

23.04.2015 / Funcionários judiciais de Ponte Vedra marcham para se opor à privatizaçom do Registo Civil.

MARCHA À LAMA E JORNADAS ANTICARCERÁRIAS

Dezenas de ativistas marchárom cara a prisom da Lama em defesa dos direitos das pessoas presas no passado 16 de maio. À marcha, organizada pola Assembleia para a Marcha à Lama, somou-se Terra que, nesses dias organizava umhas jornadas anticarcerárias que incluírom palestras sobre mulher e prisons ou o negócio penitenciário.

PP VETA UMHA DECLARAÇOM DO PARLAMENTO POLO DIA DA NAKBA

A maioria absoluta do PP impediu que o Parlamento Galego figesse umha declaraçom institucional polo Al-Nakba, o dia comemorativo da ocupaçom de Palestina com a criaçom do Estado de Israel em 1948. Em anos anteriores, quando o PP sim apoiou a declaraçom, a embaixada de Israel recriminou-lho publicamente ao Parlamento Galego.

EFETIVOS DA BRILAT OCUPAM DE NOVO INSTITUTO PÚBLICO

O Exército espanhol toma um licéu de FP em Ponte Vedra

NGZ / O exército espanhol tomou o pátio do instituto de formaçom profissional da Junqueira, em Ponte Vedra, por segundo ano consecutivo. Denunciou-o CIG-Ensino, quem pediu explicaçons à conselharia de Educaçom pola operaçom militar no centro público, onde se exibiram "tendas de campanha e todo o tipo de parafernalia". O sindicato nacionalista considera que esta atividade "afasta o ensino de dous dos seus pilares fundamentais: a paz e a nom-violência" e exige responsabilidades a quem ordenou e permitiu a instalaçom do acampamento.

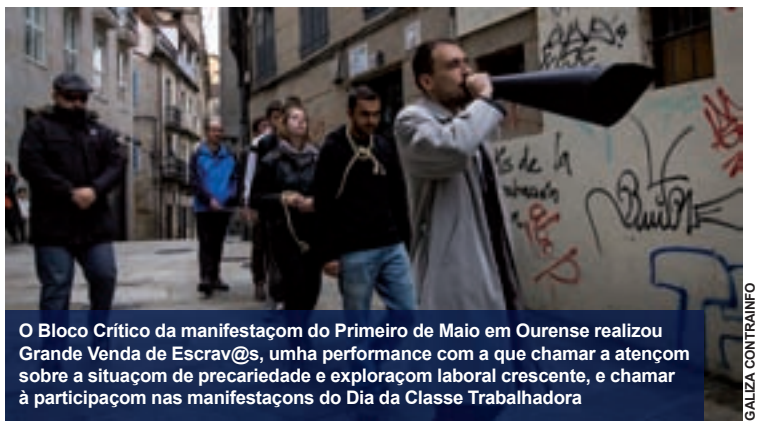
Já em maio de 2014 a Brilat instalou-se no instituto pontevedrês como parte das atividades relacionadas com o 'Concurso de patrulhas Tui-Santiago' que a brigada organiza desde há 14 anos para comemorar o aniversário da sua criaçom. A central sindical considera "uma vergonha" que a Junta permita o uso das instalaçons de um centro público para este fim e reclama "as medidas oportunas para que a situaçom nom volte a se repetir".

CIG-Ensino já protestou no ano passado, quando canalizou umha pergunta no Parlamento através da deputada Montse Prado e do deputado Cosme Pombo, do BNG. Em resposta parlamentar, a conselharia afirmou que foi o próprio instituto quem consentiu a instalaçom das tendas de campanha para os militares que cruzavam o rio Lérez nadando durante a competiçom antes citada. O departamento que na altura dirigia Jesús Vázquez argumentou que "nom se tratou de umha atividade militar, senom desportiva" e que a presença dos militares "nom afetou à atividade formativa" que se dá neste instituto público.

CRÓNICA GRÁFICA

Manifestaçom 'Stop Mortes no Mediterrâneo' denunciou na praia de Riazor a passividade europeia diante das constantes mortes de migrantes no mar

GALIZA CONTRAINFO



O Bloco Crítico da manifestaçom do Primeiro de Maio em Ourense realizou Grande Venda de Escrav@s, umha performance com a que chamar a atençom sobre a situaçom de precariedade e exploraçom laboral crescente, e chamar à participaçom nas manifestaçons do Dia da Classe Trabalhadora

GALIZA CONTRAINFO

A escritora e ativista feminista maori Ngahuia Te Awekotuku estivo no passado 23 de abril em Compostela, convidada pola plataforma de crítica literária e cinematográfica feminista A Sega

GALIZA CONTRAINFO

CRONOLOGIA

24.04.2015 / Condenados a penas de prisom três dos sete moços julgados por participar na greve estudantil de outubro de 2012.

25.04.2015 / Distintos coletivos da Corunha manifestam-se contra a repressom aos movimentos sociais.

26.04.2015 / Um viguês, entre os quatro membros do grupo nazista Puta España Musical detidos por incitaçom ao ódio e à violência.

27.04.2015 / Morre Ramón Expósito Costa, viticultor de 62 anos, ao capotar o seu trator em San Pedro de Líncora (Chantada).

28.04.2015 / Junta eleitoral exclui dous imigrantes senegaleses, com licença de residência e trabalho, da candidatura do BNG da Corunha, alegando que nom tenhem a nacionalidade.

29.04.2015 / Parlamento galego aprova por unanimidade petiçom dum referendo de autodeterminaçom no Sara Ocidental.

30.04.2015 / Três rapazes detidos por arremeter presumivelmente com seu carro um veículo da polícia nas festas de Santa Catabirra em Ponte Vedra.

01.05.2015 / Milhares de pessoas manifestam-se polo 1º de maio em Vigo, Corunha, Ourense, Lugo, Santiago, Ponte Vedra, Ferrol, Ponferrada, Vila Garcia, Ribeira, Cangas, Estrada e Viveiro.

04.05.2015 / Câmara de Lugo retira a distinçom de "alcalde honorário perpétuo" a Franco.

05.05.2015 / Comunidade de Montes de Tameiga reclama paralisaçom da licitaçom dumha parcela em Faquinha, que reclamam como monte comunal.

06.05.2015 / Tedax desativam em Mugia um obus da guerra civil.

07.05.2015 / Umhas trescentas pessoas protestam nas ruas de Ponte Vedra contra o projeto de situar umha planta de compost na Canicouva.

08.05.2015 / Vizinho de Verim assassina a sua dona no CHUO, onde estava ingressada desde há um mês por outra agressom.

09.05.2015 / Ato reivindicativo na Corunha reclama a fim das mortes de migrantes no Mediterráneo.

INAUGURADO O ATENEU LIBERTÁRIO 'JOSÉ TARRIO' NA CORUNHA

O corunhês bairro dos Malhos acolhe desde o passado dia 6 o novo Ateneu Libertário José Tarrio. O local anarquista visa erigir-se em ferramenta "do movimento contestatário e rebelde" da cidade. Albergará umha biblioteca de temática social e umha distribuidora anticomercial, além de ser sé do coletivo Nais contra a Impunidade.

FASCISTAS TENTAM INTIMIDAR O DEPUTADO DE AGE JUAN FAJARDO

Umha familiar do deputado foi objeto de pintagens no seu carro e na porta da sua habitaçom de Vila Garcia com a mensagem "mierda comunista". Agressons deste tipo já aconteceram em anteriores campanhas eleitorais. Aliás, Fajardo criticou que a polícia lhe pediu nom denunciar os factos como delito contra a liberdade política ou de expressom.

ÂNGELO CRISTÓVÃO ANGUEIRA, ACADÉMICO DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

"A Casa da Língua Comum pretende promover o idioma na Galiza e fora dela"

R. MELIDE / No 25 de abril passado abria as suas portas em Compostela a Casa da Língua Comum, que virá acolher os escritórios da Academia Galega da Língua Portuguesa e da Através Editora, oferecendo aliás as suas instalações para eventos culturais, apresentações de livros, exposições ou debates. Do coletivo impulsor, entendem o momento presente como chave para a convergência de sensibilidades a respeito da língua. Aliás, acreditam "na necessidade da criação de novos discursos, novas iniciativas, novos produtos linguísticos e culturais para o espaço lusófono, que combinem o sabor local com a utilidade internacional". Estas novas perspetivas para o idioma centram a nossa conversa com Ângelo Cristóvão, académico da língua envolvido no projeto.

À direita, Ângelo Cristóvão, membro da AGLP, na inauguração da Casa da Língua Comum

O que é que pretende ser a Casa da Língua Comum no seio da vida cultural galega?

Um espaço para divulgar, debater e promover a nossa língua e cultura, tanto na Galiza como no espaço internacional. Para isto, as novas tecnologias irão ser um instrumento precioso.

Em que consistiria essa confluência de sensibilidades de que se fala no web da AGLP?

A aprovação da Lei Paz-Andrade, por unanimidade do Parlamento galego, marca um ponto de chegada e um ponto de partida. Uma perspetiva que considere a Galiza de um modo autárquico é legítima, mas não parece estar em sintonia com o mundo em que vivemos. Duas tendências ou linhas de trabalho são precisas: por um lado galeguizar o país, nacionalizar a Galiza, e por outro internacionalizá-lo, isto é, encontrar o nosso lugar no mundo, e primeiramente no espaço lusófono, ao jeito do que já se tem dito: Galiza como célula de universalidade.

Para isto julgamos necessário criar novos espaços e novos discursos e para dar resposta aos grandes desafios que tem a língua e a cultura, não apenas de um ponto de vista teórico, como também prático. 'Cooperação', 'sinergia' e 'consenso' são substantivos que veremos utilizar cada vez com mais frequência. Fugindo de essencialismos, sem renunciar ao contributo de todos, com independência da sua "família linguística", iremos promover encontros, seminários, exposições e publicações que abram caminho, abertos à participação de todos os que usam o galego, como língua local ou internacional.

> "Queremos criar novos espaços e discursos para desafios novos"

Que função poderia desenvolver a Casa à hora de combinar a dimensão internacional do idioma com as particularidades locais da Galiza?

A experiência acumulada e as relações que temos desenvolvido os promotores da Casa da Língua Comum, ao longo das últimas décadas, colocam-nos numa situação privilegiada para facilitar os contactos com o mundo de língua portuguesa. Simultaneamente temos os pés na realidade diária, participando em diversas entidades como a AGLP, a AGAL e diversas associações cívicas.

Como é que se poderia materializar a 'ação exterior galega'?

Já está a ser desenvolvida há décadas por entidades do chamado Movimento Lusófono Galego, por empresas a título individual, pola Universidade de Santiago (Grupo Galabra, por exemplo), e por alguma instituição pública. A aprovação da Lei Paz-Andrade vem confirmar que todo esse trabalho realizado durante décadas estava indo no caminho certo. Já existe, em determinados âmbitos culturais do espaço lusófono, uma imagem, um trabalho realizado, que agora é o húmus, o substrato para irmos mais longe. É claro que as políticas institucionais são decididas no âmbito da administração pública e do governo autónomo. A Lei Paz-Andrade inclui um artigo sobre relações internacionais. Todos entendemos que esse relacionamento não corresponde exclusivamente nem prioritariamente ao Governo. Antes, é preciso e necessário que a sociedade civil continue a realizar o seu papel.

Quais são os objetivos visados para a etapa inicial da Casa?

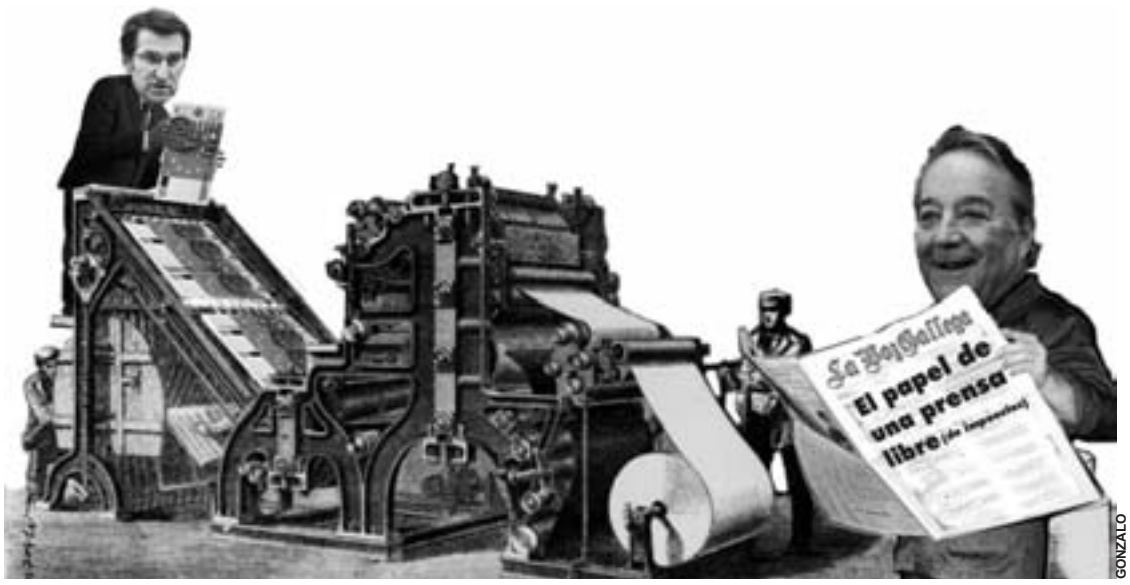
Abrir caminhos, para o qual prepara uma série de seminários e encontros, dos quais teremos notícia em breve.

CEIVAR GANHA O 'MAIO ENXEBRE' DE OURENSE

Por segundo ano consecutivo, Ceivar ganhou o primeiro prémio do Maio Enxebre de Ourense, com um maio de forma piramidal e composto por madeira, musgo, gestas e outros materiais da floresta do país. Na entrega do prémio o representante de Ceivar aproveitou para denunciar a situaçom das presas independentistas.

A LIGA CHAMA A CRIAR UMHA ENTIDADE ESTUDANTIL UNITÁRIA

No fecho da sua IV Assembleia Nacional, celebrada em Ponte Vedra a 25 de abril, a Liga Estudantil Galega lançou um comunicado informando de que pom o seu coletivo "a serviço da construçom dumha nova organizaçom estudantil unitária, plural, aberta e democrática, onde tenham cabida todos os agentes do movimento estudantil galego".



GONZALO

1,675 milhons polo uso do galego a meios em castelhano

Prolingua denuncia a Junta polo "esmorecimento" do setor cultural do país. Num comunicado lembram que há doze anos este setor ocupava o quarto posto no PIB galego. Assim o recolhe o portal Galicia Confidencial. "Os governantes da atual Junta escolhêrom que sectores produtivos impulsionariam e quais deixariam esmorecer. Num contexto de desemprego e de emigraçom, a possibilidade de que se arruinem ou saiam adiante projetos científicos, artísticos ou jornalísticos -esses que mais dependem, sobretodo no início, dos fundos públicos- nom é aleatória", aponta num comunicado.

AMEGA / Neste sentido, destaca que só no 2014 os grandes grupos jornalísticos recebêrom ajuda oficial por valor de 1.675.000 € em conceito de "uso da língua galega". "O facto de que esteja em castelhano o 94% da informaçom dos jornais que recebem tais quantias poderia insinuar que o 6% restante -cada página publicada no idioma próprio da Galiza- vale o seu peso em ouro", indica. No entanto, os meios escritos integramente em galego recebêrom menos de 182.000 € polos seus centos de páginas redigidas e publicadas no idioma do país.

"Quando se trata de subvencionar do modo encoberto -mediante a inserçom de publicidade institucional- os dados mais recentes vam na mesma linha: 2.500.000 euros procedentes do FEDER destinam-se aos mesmos grandes da comunicaçom que recebem dinheiro pola promoçom (?) da língua própria da Galiza. Por enquanto, meios digitais de referência, alguns bem conhecidos pola sua pluralidade, pola atençom aos conteúdos nacionais e pola atitude de crítica, ficam fora de toda ajuda da Junta", engade. Umha cousa similar está a acontecer neste período eleitoral com partidas publicitárias (600.000 e 300.000 euros), tal e como denunciou GC, procedentes de diversas conselharias.

"A Junta pulverizou em seis anos todos os registos de destruiçom da pluralidade informativa: imprensa nacional e imprensa comarcal, revistas, cabeceiras digitais; de maneira simultânea, as que lideram o assentimento ao Partido no poder engordam umha temporada trás outra", destaca neste comunicado no que também critica que publicaçons como Grial, A Trabe de Ouro ou Luzes nom tenham nengum tipo de ajuda.

Neste sentido, destaca as pequenas iniciativas empresariais em galego no âmbito comunicativo. "Se alguém sabe de vontade de sobrevivência à margem do público, de fé em pequenas iniciativas empresariais, de resistência em precário, som as pessoas que na Galiza se comprometem com o direito à informaçom e ao conhecimento livres", sublinha.

Por isso, critica que se usurpem os fundos destinados para a promoçom da língua "nem só com a finalidade de subvencionar as publicaçons em castelhano, o idioma mais longamente subsidiado do Estado espanhol, mas como garantia de que as empresas cumprirám quando o exigirem as necessidades da propaganda". "Em virtude deste processo circular os meios que mais tenhem, mais recebem; na medida em que medra o seu orçamento fai-no também a sua capacidade de incidência social, polo que aumenta a partida da futura subvençom. Assim até o objetivo último, que nom é outro que a minorizaçom terminal da vida inteligente em língua galega. Um verdadeiro plano de apartheid, umha prática que jamais reconheceria as teorias em que se inspira".

A associaçom destaca que "nom vai fazer parte de um silêncio que nos tornaria cúmplices". E alerta que, de nom pôr-lhe remédio, acudirá a instâncias internacionais ante um processo que "pode culminar co esvaziamento e liquidaçom da nossa cultura".

NOTAS DE RODAPÉ

Atenham-se aos factos e opinem sem opinar

O livro de estilo do diário português Público acautela aos redatores contra o uso da palavra "Povo" com a seguinte precisom: "Povo é um termo a evitar, é impreciso e tem carga ideológica". Aparecido como renovador do estilo de fazer jornais e liberal, o papel revelou em pouco tempo umha preocupaçom doentia por nom confundir feitos com opinions.

A esquerda recordou esse ser precisamente o lema da Ditadura que batalhava pola informaçom e doestava a crítica com opiniom. Bem entendido que a exclusividade das informaçons, das notícias, dos feitos objetivos e mesmo da crítica, era da presidência do governo através da censura.

O Público nom negava o seu fascínio pola forma em que os editoriais de El País de Madrid ocuparam o baleiro deixado pola oficialidade franquista. O relato da privatizaçom de serviços públicos nom deixava lugar para dúvidas ou insegurança. El Pais recordava a imparcialidade do Boletín Oficial del Estado. Claro está que nom fazia mais que ficçom, mas sabia apresentá-la como realidade pétrea.

Ao ser El País adquirido polo grupo norteamericano Liberty Acquisition Holdings (2010), Público sentiu-se cheio de razom: havia anos que o seu compromisso crítico já era propriedade dum banco e vivia as privatizaçons de Cavaco Silva coma se fossem ideias próprias.

Vigiar as opinions para nom transbordarem o campo sagrado dos factos contrastados, é norma na informaçom diária. Evitam-se as palavras carregadas de ideologia como Povo (também estám cheias de perigo, as mesmas Público e País, se vamos ao caso) e outras convertidas em exclusiva do Estado como autodeterminaçom e independência.

O livro de estilo da empresa privada de informaçom reproduze o papel da velha censura prévia. Na campanha eleitoral, as fronteiras entre opiniom e factos parecem o muro norteamericano na Coreia do Sul. No debate de amanhá "Faladoiro", convocado pola Radio Galega para oferecer (iso dim) um ramalhete de opinions diferentes, a paixom aumenta ao falarem da desfeita de Ferrol, parado sem barcos nas gradas. O moderador intervém: "aqui nom vimos fazer campanha, senom dar opiniom". A ver se nos entendemos: fagam favor de opinar sem opinar.

Nom é estranho que este e outros médios manifestassem mágoa sem limites no passamento de Jesús Hermida. Crer de verdade que na TV da Ditadura havia fabulosos explicadores de problemas de interesse geral, é como acreditar nos prodígios. O tal Hermida só tateava comunicados diante da pantalha leitora invisível (teleprompter) O seu mérito foi o dum fingidor em nómina. Chamam "maestro de la información" a quem nom atopou na sua vida umha noticia nem opinou sobre nada.

ENTREVISTA

GORETTI SANMARTÍN É SECRETÁRIA DE IMPLANTAÇOM E POLÍTICA MUNICIPAL NA EXECUTIVA DO BNG

“O projeto do BNG parte da auto-organizaçom do povo galego”

XOÁN R. SAMPEDRO / Goretti Sanmartín é ativista feminista, integrante da Executiva do Bloco Nacionalista Galego e Secretária de Implantaçom e Política Municipal na mesma desde 2013. Ocupa também o segundo lugar na lista eleitoral de Compostela. Com ela falamos há algumhas semanas das perspetivas e dos objetivos do BNG para as eleiçons municipais do 24 de Maio e do processo de 'assembleias abertas' com que a organizaçom enfrenta este processo eleitoral. Sai deste processo a conformaçom dumhas “listas tremendamente renovadas, com um 60 por cento de caras novas nas candidaturas e arredor de 57 por cento de candidatos e candidatas que nom tenhem cartom do BNG”, como salientava o porta-voz nacional da frente, Xavier Vence, na apresentaçom de candidaturas.

BNG.GAL

Que distingue esta campanha de 'assembleias abertas' doutras campanhas anteriores?

Enquanto há concelhos onde o BNG já fai habitualmente candidaturas ou assembleias abertas a simpatizantes, neste caso tratava-se de fazê-lo de maneira intensiva em todo o pais, sem excepçons. Que em todas as localidades houvesse nom só umha primeira assembleia, senom também logo outras de âmbito setorial, temático, de bairros... Um processo de assembleias abertas onde se fosse fundamentalmente a escuitar o que essas pessoas quigessem transladar ao BNG.

Era algo necessário, também é certo, após os últimos tempos e o processo de cisom. Logo duns meses de reflexom interna queríamos saber em que graus querem contribuir e conhecer qual é a avaliaçom que fam da política que está a desenvolver o BNG nestes momentos. Este é um pouco um ponto diferencial: dar por fechada essa crise e abrir um novo momento sabendo que há pessoas que continuam a ter o BNG como referente.

Aliás, nestas assembleias procurávamos conhecer qual era a fórmula ou as fórmulas com que se queria concorrer a estas eleiçons e conhecer a disponibilidade da gente para participar de candidaturas.

Por ser em todo o pais, de maneira intensa e com estes objetivos específicos, foi um processo novo e com poucas semelhanças com o que se fixo noutros processos eleitorais.

Qual é a leitura que fazedes da participaçom nas assembleias? Quais som os perfis das pessoas que se achegaram?

Quantitativamente, as cifras com que trabalhamos som de quase seis mil pessoas, das quais um 60% nom é militante. Do ponto de vista qualitativo, percebemos que há pessoas que, com intranquilidade por como se vivia no entorno do nacionalismo o processo de cisom, tinham dado um passo atrás na implicaçom, e que observam com entusiasmo a convocatória de assembleias abertas. Também se achegou muita gente nova, nova em idade mas ao tempo nova quanto a serem pessoas que, próximas do nacionalismo, nunca tinham militado nem participado dumha assembleia; mas pessoas que vêm que estes som momentos de comprometer-se. Essa é a questom qualitativamente mais importante, observamos bom ambiente, muitíssima disponibilidade para escuitar, fazer a auto-crítica necessária e também fazer propostas de futuro.

> “Há gente que nom está disposta a militar mas continua a ter o BNG como referente”

Há gente que nom está disposta a um compromisso 'total', no sentido da militância como noutros momentos, mas continuam a ter o BNG como referente do nacionalismo, como um referente democrático necessário para que a Galiza exista. Essa necessidade fai com que a gente volva iludir-se e decida comprometer-se um pouco mais.

Também é certo, sabemos nesta altura, que nom se fijo da mesma maneira e com a mesma intensidade em todo o pais. Há lugares onde se fijo com muita força e resultados mui positivos, e outros onde se chegou a menos. Mas a ideia inicial, trabalhar de maneira intensiva em todo o pais, pensamos que se conseguiu na maioria dos sítios.

Que peso estám a ter as assembleias e em que tipos de trabalho?

Abrírom-se em muitos concelhos comissons para a elaboraçom do programa eleitoral; comissons surgidas das próprias assembleias abertas e com a participaçom de gente nom militante, mesmo abrindo-se na rede espaços para que a gente poda achegar as suas propostas. Em soma, aprovárom-se programas em reunions assambleárias também abertas. Além de muita dessa gente nom militante também vai participar da campanha, de maneira direta e em níveis diferentes. A intençom é instalar esta dinâmica de trabalho como o espaço habitual no BNG, para a toma das decisons que tenhem a ver com o trabalho municipal, for no governo ou na oposiçom.

Quais som os motivos que levam ao Bloco a rechaçar a participaçom nos processos de confluência?

Na imensa maioria das assembleias um dos temas a debatir foi que teria que fazer o Bloco neste contexto complexo. A posiçom maioritária era que o partido nom é só democrático, senom que também é imprescindível para o povo continuar a ter umha força nacionalista que representasse o país. Mais ainda quando no debate que se está a abrir no estado espanhol se formula que as aspiraçons soberanistas dos povos que o integram nom teriam cabida nos processos de ruptura.

> “O BNG é um projeto sólido, coerente, com mais acertos do que erros no seu balanço”

Umha cousa é o diálogo, a chegada a acordos ou a propostas que podam ser conjuntas com outras forças políticas; e outra cousa é que o BNG tem um projeto mui claro, que parte da perspetiva da auto-organizaçom do povo galego, que é quem tem que fazer as suas próprias propostas, e que isso tem que fazê-lo dumha maneira direta. Este é um aspeito absolutamente democrático e sem ele pom-se em perigo a existência do país como tal, diferenciado. É por isso, por esta perspetiva de exercício da autodeterminaçom, que neste momento se decide concorrer nom como BNG, senom como BNG-Assembleias Abertas, chamando aquelas pessoas que acreditam que é necessário, democrático e legítimo. É justamente a nossa maneira de materializar a diversidade de que tanto se fala.

E há ainda umha outra perspetiva, que é a de que um projeto como este, com décadas de trabalho a prol deste país, nom pode desaparecer dum dia para o outro. Mais ainda quando o que vemos, ainda com o legítimo de apresentarem-se todas as forças que estimarem oportuno, é que estes projetos estám formados por umhas forças das que umhas marcham, outras desaparecem,... E pensamos que essa instabilidade nom é boa e que o projeto do BNG é um projeto sólido, coerente, que pudo cometer erros mas que no seu balanço tem muitos mais acertos. E que umha sector importante deste país pensa que é o acertado para solucionar os problemas das classes populares, pois que a Galiza tenha direito a decidir sobre eles é um aspeto central para resolvê-los.

Este foi o espírito que vimos na

maioria das assembleias e por isso optamos por participarmos assim.

E após o 24 de maio, há possibilidades de entendimento com outras forças e agentes sociais? E nomeadamente com o 'municipalismo'?
Temos um mandado da última assembleia nacional de trabalhar pola unidade do nacionalismo, de tentar reintegrar a ilusom arredor do projeto. Levamos tempo a trabalhar pola base como movimentos sociais. A ideia é encontrar-se com esses coletivos e pessoas que trabalham no tema das preferentes, polos direitos das imigrantes retornadas, contra os despejos... Arredor geram-se espaços de encontro e diálogo com pessoas doutras forças políticas ou nom militantes em nada, que concordam com os postulados do BNG. Isto por um lado.

Mas, falando já do 'pós-vinte e quatro de maio', o que acordamos é que nom vai haver pactos nacionais com nenhumha força política. E evidentemente nom faria sentido nenhum pato nacional com 'marés' ou plataformas que em cada concelho representam um espaço diferente, com aspiraçons e programas diferentes. O que haverá que fazer será um estudo particularizado caso a caso.

Há umha única linha vermelha que temos clara e é que neste país, sabendo das políticas lesivas para as classes populares e os sectores mais empobrecidos que figeram PP e PSOE, nom podemos favorecer para nada que o PP entre em nenhum governo municipal. Sem que se derive de aí necessariamente a entrada em governos.

> "Nom podemos favorecer para nada que o PP entre em governos municipais"

Essa é a linha vermelha. Logo o estudo caso por caso, em base ao programa que em cada concelho se tenha feito partindo do programa marco que há para todo o país.

Quais som as expetativas e objetivos do BNG nestas eleiçons?
As cousas estám mui abertas. Ainda há sítios em que nem sabemos quais forças se vam apresentar e quais nom... e a política neste tempo move-se nuns ritmos de vertigem. Assim que nom estamos agora mesmo para fazermos agoiros numéricos. Mas no que toca a objetivos, é o momento de consolidar o BNG, o referente nacionalista para um sector mui importante da populaçom. Pensamos que estamos em condiçons de mantermos a representaçom nas cidades, consolidá-la, e ampliar a alcaldia de Ponte Vedra. Manter o número de alcaldias e aceder a outras, e termos implantaçom em todo o território e presença importante em todas as comarcas. E demonstrarmos que o BNG tem um projeto nacional. Desta perspetiva para nós é mui importante o número de concelhos em que consigamos montar candidatura, e em quantos deles alcancemos representaçom. E para nós é um objetivo político fundamental, para além do quantitativo dos resultados eleitorais, o promovermos um relevo geracional importante dentro do BNG, e fazermos que a gente nova ocupe mais espaço.

"Há que garantir que haja participaçom direta da vizinhança nos concelhos"

Consulta simbólica sobre o cobro do IBI à Igreja na zona velha de Compostela, durante a campanha eleitoral do BNG

BNG.GAL

Resulta indiscutível em todo ter-se colocado no foco eleitoral a questom da 'participaçom cidadá'. Quais som as propostas que defendedes neste âmbito?
Há concelhos, mesmo que sejam pequenos, onde o BNG pujo em marcha linhas de trabalho neste senso. Está o caso de Sam Sadurninho, onde se trabalha com orçamentos participativos. E outros modelos: em Tominho, antes da aprovaçom dos orçamentos municipais cada ano, vai-se paróquia por paróquia reunindo-se com a vizinhança e perguntando o que é que querem e o que nom. Nom é o mesmo, porque isto é umha mistura de 'de acima para abaixo' e 'de abaixo para acima', e nom puramente decisons de abaixo para acima. Mas som propostas de caminhar nesta direçom. Para nós é um elemento fundamental. Nos concelhos houvo umha deriva anti-participativa terrível nos últimos tempos, e toda a legislaçom vai cara aí. Há que garantir que os concelhos estejam ao serviço das classes populares e que haja participaçom direta da vizinhança. Que nom seja votar cada quatro anos, mas que dia a dia a gente poda desenhar e acordar as linhas da política municipal. Pode-se fazer de muitas maneiras: conselhos municipais de participaçom, tanto territoriais como setoriais, consultas populares, fazer transparente o que se fai no concelho, fomentar a participaçom com intervençons da vizinhança nos plenos ou a reserva de tempo das e dos membros do governo para receber e escuitar a cidadania,...

Apoiar e contribuir a afortalar todo o tecido associativo. Isto tem que ser algo transversal, com o fomento de políticas sociais que dem a volta às prioridades. E só vai funcionar se conseguimos a participaçom de dous grupos sociais que devem ter muita mais força e peso nas decisons políticas do que agora tenhem. Dumha banda a mocidade, muita fora do país e a que fica imersa em problemas laborais e sem posibilidade de participaçom. E doutra as mulheres, as grandes discriminadas. Políticas participativas, sim. Mas à beira de políticas de transformaçom, em que a prioridade seja dar a voz aos coletivos mais desfavorecidos. Assim pensamos que se pode caminhar realmente para um modelo diferente, com concelhos abertos realmente à cidadania.

> "Ligamos soberanismo ao quotidiano: como consumimos, que modelo energético,..."

O BNG destaca e deixa ver o seu perfil soberanista como elemento diferenciador e ponto forte frente à indefiniçom nacional das 'marés', com participaçom de forças estatais. Mas em que é que se traduz a prática soberanista na política municipal, para além da defesa da língua ou cultura próprias?
Ligamos o soberanismo, ademais das reivindicaçons arredor da cultura ou o património, a questons mais do quotidinano: ao modo em que consumimos ou o tipo de comércio ou de produçom que defendemos, a defesa das redes de produçom de proximidade e atacar as grandes superfícies. Apostar nas energias alternativas e em cooperativas energéticas que vam surgindo, e a partir de aí reivindicarmos umha tarifa elétrica galega, diferente.

E também está a necessidade de irmos reforçando, tecendo umha rede dos concelhos que estejam dispostos a fazer frente a todas as políticas previsíveis de recentralizaçom e espanholizaçom desde o governo do estado. Concelhos que sejam quem de encarar isto e nom aceitarem, declararem-se insubmissos a isso, contra os intentos de converter os concelhos em meros organismos de gestom.

E começar a fazer dos concelhos instituiçons nacionais? Penso na 'Udalbiltza' no País Basco, ou na 'Assemblea de Municipis per la Independència' catalá.
Concelhos que se podam declarar soberanistas? Por suposto que sim. Mas cremos que antes temos que fazer um esforço mui grande por transmitir à sociedade que é importante que se faga porque nos vai a vida nisso. Para conseguirmos mudar as condiçons de vida e para podermos dizer que nom a algumhas das imposiçons que venhem nom só do estado espanhol senom, através dos governos do PP, diretamente da Europa.

MAR

Milhons de euros para deixar de pescar

AFONSO DIESTE / De 2009 a 2015 destinarom-se mais de 90 milhons de euros ao que se qualifica como "paralisaçom definitiva da frota de altura", o despeçamento de barcos pesqueiros.

> Há comarcas onde o grosso do dinheiro é para despeçamento de embarcaçons

No primeiro lustro de governo de Alberto Núñez Feijóo destinou-se unha media de 33.500 euros diários a tirar os barcos do mar e mandá-los o desguace. Dinheiro que é co-financiado polo Fundo Europeio da Pesca. É umha das principais partidas para Galiza. "Destruír" barcos. De feito há comarcas onde o grosso do dinheiro que se destina para pesca e aquicultura é o referido a despeçar embarcaçons. Assim aconteceu na Marinha em 2012. Do milhom e medio de euros que se destinárom a esta zona nesse exercício, 64% foi para desmanchar barcos. Nesse período fôrom mais de 62 milhons de euros os destinados a esta finalidade.

Mas essas ajudas continuárom nos anos seguintes. Em 2014 destinárom-se a esta finalidade de sacar barcos do mar para o seu despeçamento cerca de 14 milhons de euros. E este 2015 a Conselharia do Mar abriu-o com umha convocatória de ajudas iniciais para a paralisaçom definitiva da atividade de algo mais de 10 milhons de euros.

Falamos, logo, de mais de 24 milhons de euros no ano passado e no presente exercício, cifra que engadir aos 63 milhons do primeiro lustro de governo de Núñez Feijóo. Quase 90 milhons de euros.

Numha década Galiza perdeu 20% da sua frota

Em só umha década Galiza perdeu mais de 20% das embarcaçons da sua frota pesqueira. Unha 're-estruturaçom', como a qualifican das diferentes administraçons, seja europea, estatal ou autonómica; que levou uns mil trescentos barcos em 10 anos. Em concreto, 1.361, segundo os próprios dados oficiais da Junta disponíveis no registo de buques pesqueiros. Assim, e de media, cada dous ou três dias Galiza tinha unha embarcaçom pesqueira menos. Em 2004 eram 5.565, das quais 4.867 eram do setor de 'artes menores', o tradicional, que faína perto da costa e é sustentável ambiental e socialmente. Em 2014 há 4.204 embarcaçons. De 'artes menores' ou baixura, 4.017.

AGRO

Luita biológica contra a avespa do castinheiro

O 'DRYOCOSMUS KURIPHILUS' E O INIMIGO PROCEDEM DA ÁSIA

A.L.R. / Desde 2014 está presente nos castinheiros galegos a avespa do castinheiro ('Dryocosmus kuriphilus'), o qual causa danos que podem provocar umha queda na produçom de castanha. Para combater esta nova praga, a Estaçom Fitopatológica do Areeiro, em Ponte Vedra, realizou a solta experimental dum insecto parasitoide, o 'Torymus sinensis', inimigo natural da avespa.

> A praga chegou aos soutos galegos em 2014 e ameaça este fruito seco

O *Dryocosmus kuriphilus* é um insecto originário da Ásia, ao igual que o Torymus sinensis que o combate, que se foi estendendo por todo o mundo. O dano mais caraterísitico do Dryocosmus som os bugalhos em polas jovens e folhas, consistindo em inchamentos de entre 5 e 20 mm de diámetro e apresentando umha cor de verde a avermelhada. Os ovos ou os primeiros estádios larvários estám no interior das gemas e som difíceis de detetar.

As larvas da *Dryocosmus* desenvolvem-se no interior das gemas durante o inverno, o que provoca a formaçom dos bugalhos nos tecidos afetados. Os adultos começam a emerger a finais de maio depositando ovos no interior das gemas.

Segundo informa a web *campogalego.com*, as soltas massivas de *Torymus sinensis* para a luita contra a avespa do castinheiro nom estám permitidas pola administraçom ao tratar-se também dumha espécie exógena. Porém, segundo este portal, a estaçom do Areeiro sim que foi autorizada para fazer umha solta experimental numha das zonas de Ourense que se vírom afetadas no passado ano. A recente chegada da avespa do castinheiro aos soutos galegos impede ainda umha valoraçom do seu impato.

Avisos em fruiteiras

Por outra banda, a Junta emitiu através do serviço de informaçom agrometeorológica de Meteogalicia um aviso sanitário por diversas enfermidades que afetam especialmente as maçairas, sendo a doença mais avançada a causada polo verme da maçá (*Cydia pomonella*). Assim, a Junta colocou armadilhas de feromonas nas estaçons fitopatológicas de Sada e Bergondo para começar com os tratamentos contra esta praga. Também está a afetar as maçairas o fungo do moteado (*Venturia inaequalis*) e o pulgom cinsento (*Dysaphis plantaginea*). No referido a outros cultivos fruteiros, a Estaçom Fitiopatológica do Areeiro alerta da presença de fungos como a monília ou a botrite em cerdeiras.

ECONOMIA

Problemas atuais da mao de obra feminina na Galiza

A POUCO QUE EXISTAM CONDIÇONS DE CRISE ECONÓMICA AS MULHERES CONFORMAM UM COLETIVO VULNERÁVEL

María do Carme García-Negro

Existem umha série de problemas no mercado de trabalho no nosso país atribuídos nomeadamente à crise atual. No entanto, cumpre analisar as caraterísticas estruturais do dito mercado para identificar bem os problemas. Trataremos de atribuír à crise os que dela se derivam, e, situar alguns outros no lugar medular que lhes corresponda.

Em termos gerais -é dizer, sem distinguir homens e mulheres trabalhadores- a demanda de força de trabalho é cativa: mais cativa do que a oferta. A economia galega dispujo nas últimas décadas de maior capacidade de oferecer mao de obra do que de capacidade de crescimento da demanda da mesma. Dito dumha outra maneira, ainda existindo decrescimento populacional, nom há capacidade empresarial criadora de novos postos de trabalho: nem hoje, nem na época passada de enorme crescimento económico espanhol. De modo e maneira que o paro estrutural é umha caraterística económica própria da economia galega. Esta caraterística é suficiente para explicar a pervivência da emigraçom em todas as épocas, o nível salarial mais baixo do que o promédio espanhol, e finalmente mas de nom pouca importáncia (e fechando o ciclo da populaçom) o decrescimento populacional.

A fraqueza de crescimento continuado derivado da capacidade inversora há que a explicar em cada momento histórico atendendo à concreçom das variáveis do momento. Porém, existe um comum elemento presente em todas as etapas do capitalismo na Galiza: a ausência dum poder institucional -mao do poder económico- que pudesse vertebrar e portanto dar projeçom de futuro aos distintos setores económicos e/ou iniciativas existentes. Esta ausência significou sistematicamente a quebra dumha senda de crescimento com raízes e tecido produtivo estabelecido no total da economia. Referindo-nos exclusivamente à iniciativa privada, som numerosíssimos os casos que ilustram estas asseveraçons: a política económica agrícola, a florestal, a mineira, a de importaçons de bens equivalentes (competência insuportável no início da industrializaçom) a industrial, a de transporte e comunicaçons… O mesmo ensino e o seus conteúdos parecêrom estar desenhados polo pior inimigo da economia galega. As açons de política económica desenvolvêrom-se como se em cada etapa, a missom da política económica consistisse em reforçar o rol de dependência e mais de favorecimento, apoio e promoçom da economia espanhola, e sempre a costa da nossa. Quando foi preciso subministrar alimentos em quantidade e baixo preço, o Estado afixava o preço das matérias primas sem possibilidade de competir (pós-guerra) e quando há condiçons objetivas de competência (no seio da UE), o Estado nom intervém nem para impedir o *dumping* dos comercializadores. Quando foi preciso proporcionar energia elétrica para o desenvolvimento espanhol, aqui produzimos sem limite. Isso sim, pagando a energia igual que onde nom se produz, e suportando as faltas dumha eletrificaçom universal no país. Nesta mesma linha de

> Os traços próprios da subordinaçom pervivem de maneira recorrente

consideraçons poderíamos mostrar um grande número de casos, mas o nosso interesse agora é colocar o olhar sobre o papel das mulheres nesse mercado de trabalho.

Subordinaçom permanente

Constitui um lugar comum, ou bem umha parte do acervo de conhecimento no exame do papel das mulheres no mercado laboral, asseverar que as mulheres ocupamos um lugar secundário: por acesso, por salário, por promoçom, por ascensos, por subemprego… Enfim, por suportar um lugar que nom está em correspondência com a qualificaçom nem com a capacidade e/ou excelência no desempenho. Estas caraterísticas som comuns a todas as economias capitalistas do mundo (que som todas). Tomando como modelo explicativo o da segmentaçom do mercado laboral, diremos que o segmento feminino do dito mercado ocupa um lugar subordinado. Esta subordinaçom no caso da economia galega adquiriu nas décadas passadas sinais próprios e singulares: existiu emigraçom feminina massiva nos anos 60 do século passado, deu-se umha visualizaçom do trabalho feminino das galegas no mercado laboral oficial, acedêrom aos estudos -mesmo aos superiores- em número igual que nas economias mais desenvolvidas, e lográrom o acesso ao reconhecimento institucional de quase todos os ofícios femininos e feminizados da economia galega (referimo-nos àqueles que som exclusivamente galegos: labrega titular de exploraçom, mariscadora, armadora, redeira,…). No entanto pervivem de maneira recorrente as caraterísticas próprias da subordinaçom. Mais horas de trabalho para o mesmo salário mínimo, condiçons laborais de exploraçom em empregos feminizados (por exemplo serviços de hotelaria, restauraçom, auxiliares agrícolas, serviços pessoais, serviços sanitários, mesmo nos serviços financeiros) incapacidade adquirida para fazer valer o posto e as tarefas regulares de trabalho, pior sindicaçom, pertença a atividades de convénios coletivos precários ou obsoletos, trabalho desenvolvido em setores pouco convenizados, ausência do controlo dos mecanismos de ascenso ou de interpretaçom das regras do poder intra-empresa, pequena representaçom sindical na empresa e no próprio sindicato,….etc.

Se nos permitíssemos examinar polo miúdo cada umha destas condiçons no exercício do posto de trabalho atribuído às mulheres explicaríamos também pormenorizadamente as travas, obstáculos e impedimentos sociais ao desenvolvimento das mulheres como seres humanos aspirantes a um nível de dignidade pleno. Porém, aqui interessa-nos compreender como se repetem com a passagem do tempo as envolventes notas dessa subordinaçom. Dá a impressom de que cada mulher que começa a trabalhar vai transitar a mesma senda de dependência que pisárom as mulheres da geraçom anterior, e assim é. Seguindo com o modelo explicativo do mercado laboral segmentado, devemos citar o papel (relaçom dialética) que desempenham os restantes segmentos do mercado laboral: o conjunto de homens nacionais vem as mulheres como competidoras por um posto de trabalho, mas -e aí está o problema- dispostas a trabalharem por um salário menor. E, por sua vez, as mulheres individualmente, sem sindicaçom nem experiência histórica, contratam em condiçons irregulares e com salário inferior. Essa relaçom dialética (nom plana, nom singela) é quem de fazer-nos compreender como se reforçam socialmente, também através do mercado de trabalho, a dependência das mulheres. E como a pouco que existam condiçons de crise económica -paro, despedimentos massivos e/ou singulares, baixada de salários…- as mulheres conformam um coletivo vulnerável. Suportam mais do que os homens a degradaçom laboral, a perda de direitos adquiridos, as rebaixas salariais, os despedimentos, o paro e a emigraçom. A desigualdade também tomou as suas raízes nas relaçons laborais, e aí também as mulheres na etapa presente jogam um rol subordinado, rol que serve ao mesmo tempo para reproduzir a desigualdade nos restantes âmbitos da sociedade.

A TERRA TREME

“Queremos difundir outra ideia da Galiza no País Basco”

PAULO PADIN, SÓCIO DA GALIZAILEAK

MARIA ÁLVARES / **Masustegi é um bairro galego em Bilbau. “Umha imensa favela que existe desde os anos 50 do século passado”. Este é o ponto de partida que levou a umhas vizinhas galegas em Bilbau a refletirem sobre a realidade da emigraçom galega no País Basco. Estigmatizaçom, preconceitos, desconhecimento social e político mútuo.... Em definitiva: muito trabalho por diante. Achegar as realidades galega e basca, tender pontes e criar “orgulho de povo e de língua” som os reptos que tem por diante GALIZAleak. Umha assembleia que a finais de maio se estreia com umhas jornadas sobre a Galiza em Bilbau. Paulo Padin, um dos sócios mais ativos fala-nos desta nova assembleia na emigraçom basca.**

Conta-me como nasce a ideia de criar esta assembleia. Tenho entendido que em fins deste mês organizades umhas jornadas galegas em Bilbau...

A ideia surgiu espontaneamente, numha conversa casual depois dum filme num ciclo de cinema galego em Bilbau. Nessa conversa ficamos finalmente três pessoas. Falamos da Galiza e do País Basco e basicamente concordávamos em que além de muito desconhecimento sobre a realidade galega aqui, havia também umha distorçom na perceçom que se tinha da Galiza.

Umhas semanas depois, um grupo de galegas fomos comer, intencionadamente, a Masustegi. A história deste bairro galego de Bilbau, umha verdadeira favela, situada na ladeira dum outeiro bilbaíno, está ainda por contar. Em Masustegi vivem, desde fins dos anos 50 do século passado, vários milhares de pessoas, a imensa maioria galegas, de Melide e Arçua sobretudo. Foi um bairro construído integramente polos seus próprios habitantes, clandestinamente, de noite. O mais surpreendente e que até menos dum lustro o bairro estava fora de ordenaçom urbanística e sem serviços públicos elementares. Como me contou um dos habitantes do bairro, tiveram que roubar um autocarro municipal para conseguir que a primeira linha de autocarros municipais chegasse ao bairro. E isto foi nom há muito tempo.

Aí, em Masustegi, no passeio a pé de volta ao centro da cidade, em julho de 2014, decidimos que havia que fazer algo: conhecernos entre nós e olhar as nossas redes de contatos. Organizamos umha tertúlia galega semanal.

No que diz respeito à gente que formades parte da assembleia, imagino que abrangerá umha composiçom sociológica em quanto a idades e interesses heterogénea. Qual som os pontos em comum que encontrastes para trabalhar?

> “Há pessoal sem ascendência galega, mas falante da língua”

A maioria destas pessoas residimos em Bilbau mas também há gente que mora em Gasteiz, Durango, Barakaldo ou mesmo em Castro Urdiales (Cantábria). Talvez o mais interessante da composiçom do grupo é que nom somos todas galegas de “nascença” mas que também há galegas de “querença”, pessoas que nom tenhem ascendentes galegas mas que tenhem algumha vinculaçom com a Galiza e que falam galego. E também há galegas de segunda geraçom que vem em GALIZAleak umha oportunidade para reviver a sua galeguidade.

Em fins deste mês tedes preparadas umhas jornadas galegas muito interessantes. Repressom, língua, música, crianças... fala-me um pouco destas jornadas, do fio condutor das mesmas.

Desde o começo demo-nos conta de que todas queríamos organizar algo mas todas tínhamos interesses, formaçom e experiências diversas polo que fomos propondo cousas diferentes. Finalmente, decidimos fazer umhas jornadas que refletissem essa pluralidade de interesses mas que tivessem certa coerência interna.

Queríamos diversidade, e nom só temática, por isso pensamos, que para além de palestras devia haver música, conta-contos para crianças ou momentos de convívio, por exemplo. Também queríamos abranger espaços diferentes da cidade. Graças à mobilizaçom da nossa rede de contatos finalmente pudemos dispor de diferentes espaços da cidade de Bilbau, todos tam significativos e simbólicos como o Kafe Antzokia, a livraria Zirika, Herri Gunea, ou o espaço ocupado Zazpi Katu Gaztetxea. E sem esquecermos a rua onde queremos visibilizar a nossa presença com umha 'rondalha' pola parte velha da cidade.

Quanto aos conteúdos das jornadas, teremos três palestras. Umha sobre língua com o Séchu Sende e o Txerra Rodríguez (que, para além de sociolinguista, é o tradutor para o êuscaro de Séchu); umha outra sobre a represson na Galiza (ministrada por um militante de Ceivar), e, finalmente, teremos o Anxo Baranga da 'LudoteGa, espazo para nenos e nenas en galego' e a Sílvia Pons da Asemblea Cultural Galega de Barcelona, com o propósito de aprender doutras experiências galegas na emigraçom que pensamos que som interessantes e referenciais. Haverá também música com o concerto de Indarrap e Garcia MC. Ao mesmo tempo, como somos várias as pessoas que temos filhas pensamos que tínhamos que fazer algo para crianças, polo que contaremos com a presença da companhia Daboapipa e o seu espetáculo de conta-contos, *Contos de animalário*. Acabaremos as jornadas com um jantar de convívio aberto a quem quiser e amenizado também pola companhia Daboapipa com *Historias de vida, guerra, amor e case morte*.

> “Queremos romper com a tradiçom histórica dos folclóricos Centros Regionais”

O objetivo das jornadas nom é outro que difundir umha outra ideia da Galiza, tam real como nós mesmas.

Até o de agora, as experiências de assemblearismo a nível histórico da emigraçom galega passam polos centros galegos e conceçons baseadas no folclorismo cultural. Com que queredes ficar e com que queredes rachar?

Sem dúvida queríamos romper com essa tradiçom histórica de Centros Regionais, meramente folclóricos, quase reduzidos a gastronomia e música. Cousas que, indubitavelmente, som importantes culturalmente mas um país, qualquer país, é mais do que isso. Sobre isto, penso que devemos pontualizar duas cousas. Por um lado, as distintas 'Casas de Galicia' que há em Euskal Herria som diferentes a respeito do seu percurso. Nom todas som iguais. E algumhas delas tenhem feito um grande trabalho. Por outro lado, em Gipuzkoa, na zona de Pasaia, Oiartzun, Lezo e Orereta, há tempo que existe outro grupo galego organizado, o Fato Cultural Galego Daniel Castelao, que desenvolve diferentes atividades. Nom somos as únicas. Felizmente.

Detetastes algumha vez tópicos ou estereótipos relacionados com a Galiza e as galegas no País Basco? E como pensades que foi aqui ao longo dos anos a acolhida da emigraçom galega?

Umha das razons fundamentais pola qual decidimos juntar-nos é que todas concordávamos sobre o estendida que estava umha imagem estereotipada da Galiza e dos galegos. Estávamos fartas de ser reduzidas ao estereótipo de galega (trabalhador(a), conservador(a), etc.) e da Galiza (um lugar sem interesse histórico ou social mas bonito e onde se come bem e barato). Isto tem certa lógica porque desde a Galiza também se desconhece a realidade basca que sempre passa pola peneira mediática madrilena. Mesmo desde posiçons do independentismo e nacionalismo dum e doutro lado.

De facto, muitas vezes o mais decepcionante é ver como desde meios de comunicaçom bascos se reproduzem comentários que confirmam os estereótipos enquanto se ignoram as notícias que chegam (melhor dito, nom chegam) da Galiza porque nom se correspondem com esses mesmos estereótipos.

> "Um aspeto salientável das segundas e terceiras geraçons é a perda da língua"

Outro aspeto salientável das segundas e terceiras geraçons de galegas é a sua desgaleguizaçom linguística. Se o processo de desgaleguizaçom é forte na Galiza, aqui em Euskal Herria é a norma. Surpreende como, apesar da enorme quantidade de gente com antepassados galegos, é raríssimo encontrar algum descendente de galegas que fale galego. A rutura da transmissom linguística é quase total. No pessoal podo contar um caso ilustrativo. Estava um dia com duas conhecidas bascas, umha delas muito boa amiga, e com o meu filho. Depois dum tempo, a minha amiga di-me, referindo-se à outra mulher: 'a minha amiga dixo-me que és o primeiro galego a quem ouve falar galego com o seu filho'.

O que é evidente é que a emigraçom atual nom tem nada a ver com a emigraçom galega de fins do século XIX ou dos anos 50-60 do passado século. Em primeiro lugar, na atualidade Euskal Herria nom é o lugar preferente da emigraçom galega, polo que chegam muitas menos galegas. Em segundo lugar, as galegas que chegam som um grupo muito mais diversificado geograficamente (antes chegavam preferentemente das áreas rurais de Lugo e Ourense) e era umha emigraçom com umha motivaçom estritamente económica. Na atualidade, trata-se dumha emigraçom com um perfil diferente, altamente qualificada, com estudos superiores, que vem acabar ou continuar estudos ou a procurar um trabalho acorde com a sua qualificaçom e em melhores condiçons do que na Galiza. Para além disso, muitas escolheram deliberadamente Euskal Herria entre várias possibilidades migratórias.

Que pontos em comum atopades com o povo basco?

Galiza e Euskal Herria som países atlánticos que estám próximos geograficamente e que tiveram muito contato através do mar durante séculos para além de fazer parte dum mesmo Estado como entidades claramente diferenciadas dentro desse estado com o qual mantiveram e mantenhem umha relaçom conflituosa ainda

> "Somos povos próximos geograficamente e com longo contato através do mar"

que exprimida de modo desigual.

Mas a história recente destes dous povos foi divergente. Primeiro com a revoluçom industrial, quase inexistente na Galiza mas umha verdadeira transformaçom de fundo em Euskal Herria que acabou por fazer desta terra um lugar mais próspero e desenvolvido que a mesma capital do Reino da Espanha e lugar de receçom de populaçom, ao tempo que a Galiza continuava o seu êxodo migratório. Em segundo lugar, a gestom da "autonomia" quase ininterrompidamente por parte da direita nacionalista basca tivo consequências importantes a respeito da situaçom do idioma basco. Como língua indispensável para o acesso à funçom pública, o êuscaro passou de ser umha língua estigmatizada a ser um importante capital pessoal. De facto, nom saber êuscaro é um sério impedimento para a mobilidade social. No ensino, o sistema de modelos (modelo A -tudo em espanhol com a matéria de língua basca-, modelo B – bilingue-, e modelo D -imersom em êuscaro) permitiu evitar a acusaçom de imposiçom linguística já que foram as famílias as que foram escolhendo progressivamente o modelo D -imersom em euskera- provocando a desapariçom na prática do modelo A (só em espanhol).

POVOS

A resistência baluche

C.C.V. / Entre as fronteiras do Paquistão, Afganistão e Irão, encontra-se um povo nómade que não aparece nos mapas: o Baluchistão. Do tamaño do Estado francés, o Baluchistão é um enclave geostratégico na região, trufado, aliás, de importantes recursos naturais (ouro, gás, urânio…) que são coviçados polas potências mundiais. Após a retirada do Império Britânico das colónias de Oriente Meio, a população do Baluchistão Leste proclamou a sua independência, até ser anexionado em março de 1948 por Islamabade, iniciando-se o conflito que chega aos nossos dias.

Atualmente conforman o Movimento de Libertação Beluche sete grupos diferentes, que partilham, contudo, o objetivo da independência. Um deles é o Exército de Libertação de Beluchistão (BLA), que contaria no Leste com uns 25 campamentos. Baloch Khan, comandante do BLA, reconhece que simpatiza com o PKK curdo, "já que se trata de outro grupo secular que luta polos seus direitos nacionais". Sublinha o de secular porque, ao igual que o PKK, estão rodeados polo avanço do fundamentalismo – de cuja expansão acusam diretamente o Governo paquistaniano-, e também se mostram a si próprios

> Após a retirada do império britânico, o Baluchistão Leste declarou a indepência

como solução democrática ao enfrontamento sectário.

Allah Nazar, comandante em chefe de outro grupo independentista, a Frente de Libertação Baluche (BLF), denuncia a presença "abrumadora" do Estado Islámico em território baluche, onde contariam coma campamentos em Makran, Wad, Mishk de Zehri e Chiltan. Tradicionamente praticante dum Islão tolerante, o povo baluche também tem enfrontamentos com os talibãs e outros grupos milenaristas vinculados ao emergente Estado Islámico. A minoria zikri, rama baluche do sufismo, radicada na área de combate do BLF, corre um sério risco de ser exterminada.

Contudo, o desconhecimento do conflito baluche em Europa é toal. Em grande parte por culpa da férrea política de bloqueio mediático ditada por Islamabade; tal e como denuncia Ahmed Rashid, reconhecido escritor paquistaniano, "os jornalistas estrangeiros que intentam informar em Baluchistão Leste são deportados e vetados, mesmo no caso de escreverem sobre dito conflito sem pisar o terreno". No passado agosto, a Comissom Internacional de Juristas, Aministia Internacional e o Human Rights Watch alertavam da "deplorável campanha de sequestros e desaparições" de baluches instigada polo Governo paquistaniano. A organização pacifista Voz para os Baluches Desaparecidos cifra em 19.000 o número de desaparecidas no que vai de século XXI.

O homem da tristeza tranquila

A PEGADA DE GALEANO NOS MOVIMENTOS POPULARES CONVERTEU O SEU FUNERAL NUM EVENTO LATINOAMERICANO

JACINTA R. TROBO / Assim era o escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015). Assim o descreveu parte da imprensa montevideana no passado mês de abril, no dia do seu passamento. Galeano conseguiu, con palavras singelas e bases ideológicas sólidas, que América Latina se reconheça como um continente unido que deve luitar pola sua identidade.

Uruguay, onde Galeano nasceu, é um país pequeno em termos territoriais, que vive abraçado polos dous gigantes sul-americanos. Esta característica geográfica é também sintomática da idiosincrásia do país. É sempre o argumento dos uruguaios para falar do que eles denominam "perfil bajo", umha espécie de mistura entre melancolia, introspreçom, tristeza e tranquilidade da qual o olhar de Galeano constituia umha clara mostra.

Contam quem o conhecêrom que era um grande relator, descrevia as histórias con detalhe e dominava as pausas e os silêncios. Essa habilidade de contar as cousas para que a gente as entenda, pero nom por isso dum jeito menos poético ou ocurrente; fijo com que fosse traduzido a vinte idiomas. Galeano amplificou e construiu perceçons sobre América Latina, sobre as suas personagens, paisagens e lendas, nos imaginários das pessoas de esquerda de todo o mundo.

"Às vezes, a morte minte"

A chuva era incessante naquela noite de abril. Umha das primeiras chuvas após um verao austral que se extendera além das datas marcadas no almanaque. A fila nascia no Palácio Legislativo, sede das Cámaras de representantes do pequeno país austral, e ía medrando segundo se achegava a hora em que o "Salón de los Pasos Perdidos", sala solene do Palácio, receberia quem quigesse se achegar a dar o último adeus ao escritor que contribuiu para que todo um continente tomasse consciência sobre si mesmo. De vários países da regiom chegárom persoeiros da vida cultural e política, mas a sala também se encheu de pessoas que, empurrando um carrinho de bebé ou apoiando-se num cajato, aguardavam havia horas, guardando um carinhoso silêncio, para se despedir dum escritor que, dum ou doutro jeito, influira na sua perceçom do mundo.

"Escreveu textos que som piares do olhar sobre nós mesmos, onde ademais as latino-americanas queremos dizer quem somos. Ajudou todas as latino-americanas a contemplar as nossas próprias raízes" foi a mensagem que enviou Cristina Fernández, presidenta da Argentina.

> Era clara mostra do 'perfil bajo' uruguaio, mestura de tristeza e tranquilidade

De Venezuela, Nicolás Maduro recordou numha missiva ao povo uruguaio que "ele (Galeano) nos deixou no mais profundo do nosso ser, palavras que se figérom sangue e corrêrom polas veias abertas de América Latina contando aquilo que a história oficial nos ocultava para continuar subjugando-nos; palavras para repensarmos-nos, construirmos-nos, unirmos-nos desde o corazom e desde a consciência".

Aquele 13 de abril havia pouco menos de três meses que Galeano publicara em *Página 12*, um jornal argentino, um texto para o seu amigo o poeta Juan Gelman, em que afirmou: "às vezes, a morte minte". Naquela ocasiom Galeano escreveu, "ele continua vivo em todos os que o quigemos, em todos os que o pudemos ler, em todos os que na sua voz escoitamos os nossos mais profundos adentros", palavras que servem hoje para recordá-lo também a ele.

Buscador de verdades ocultas

"Algo assim como un historiador poeta ou um poeta da história". Assim era Galeano, escritor e jornalista auto-didata, segundo José "Pepe" Mujica. "Mais do que iluminar verdades, os seus trabalhos pintárom-nos as nossas dores e os nossos sentires comuns".

"Um formidável autodidata cultural, insaciável pola sua sede de conhecemento e a sua busca permanente da beleza, alo por onde andou", afirmou o ex-presidente uruguaio, ilustrando a essência deste "buscador de verdades ocultas" nessa parte de América que nom chega aos livros nem à academia.

O seu achegamento à literatura e ao jornalismo começou publicando umha caricatura no diário socialista El Sol, quando só tinha 14 anos. Pouco tempo despois começou a trabalhar como editor nos diários Época e Marcha, estandarte da imprensa de esquerda da latinoamérica de sesenta.

Entre 73 e 76 fundou e dirigiu em Buenos Aires a revista Crisis, que só usava minúsculas nos títulos e nos nomes próprios. Esta escolha estética fijo com que acusassem a revista de impor o comunismo, ao nom estabelecer jerarquias entre as palavras.

Depois do fim da ditadura uruguaia (1973-1985), junto aos seus antigos companheiros de Marcha, clausurada polo Regime militar, funda o semanário Brecha. Galeano fijo parte do conselho de redaçom desta publicaçom referência da esquerda uruguaia, até o 13 de abril.

Galeano tivo ademais umha prolífica carreira como escritor. Contestário, nom só nos temas e problemáticas que abordou neles, senom também na sua forma de contar. A sua narrativa questiona os géneros tradicionais com um discurso acessível a qualquer tipo de letor. Nos seus livros mistura-se o pessoal e o político dum jeito único.

En Montevideo, naqueles días depois de 13 de abril, umha das frases escoitadas nas conversas de bares, citando o autor, foi aquela de: "Y yo me quedo con esa melancolía irremediable que todos sentimos después del amor y al fin del partido". (*El fútbol a sol y sombra*, 1995).

Café Brasilero

A passos dumha das praças mais fermosas de Montevideo, no corazom da cidade velha, encontra-se o café brasileiro. Cálido refúgio de paredes com madeira e "cortados" saborosos de que Galeano era habitual. Nom consigo lembrar quem me advertiu ou quando descubrim que naquele café, se olhava polo vidro todas as vezes que passasse por diante, poderia atopá-lo. Era umha questom de fé, pensava, e no instante em que me descobria pensando-o em termos tam místicos, afirmava para min: nom, de fé nom, de perseverança. E perseverei durante alguns meses, desviava-me un par de quarteirons para passar por diante e olhar timidamente para dentro. Várias vezes conseguim alviscar algum careca de cabelo branco sentado na sua mesa.

EM ANÁLISE

A ELEIÇOM DE FILGUEIRA PROVOCA A CELEBRAÇOM COM MAIS BAIXO PERFIL DOS ÚLTIMOS ANOS

Onde foi que marchou o Dia das Letras?

A.L.R. / **A escolha do Filgueira Valverde criou umha profunda polémica desde o primeiro momento. A sua participaçom no regime franquista e a sua postura sobre a normativa lingüística provocárom um claro repúdio nos setores mais comprometidos com a defesa do idioma e a cultura galega. Mas que se passa com a data em si? Aparece o rosto do Filgueira nas sacas do supermercado e nos cartons de leite, mas nas iniciativas editoriais e nos centros de ensino nom se nota a mesma iniciativa do que em anos anteriores.**

A deste ano parece ser umha ediçom do Dia das Letras dum perfil baixo em comparaçom com o caráter expansivo que caracterizou algumhas celebraçons anteriores, como as dedicadas a Lois Pereiro ou Roberto Vidal Bolaño. A iniciativa que naqueles anos chegou mesmo a transferir-se a setores populares, neste ano apaga-se com a homenagem a umha figura de claro passado fascista e que está a próxima a rachar com os grandes consensos culturais.

O investigador e crítico Isaac Lourido explica-o assim: "a funçom de umha instituiçom como a RAG, que se considera representativa do conjunto da cultura galega, tende ser a de nom sair fora dos 'consensos' com que funciona a nossa cultura. Com propostas mais 'underground', mais de esquerdas, mais institucionais ou mais clássicas, a RAG procurou nos últimos anos nom sair dos limites desses consensos. A escolha de Filgueira Valverde parece sair fora desse consenso ou estar no limite de o fazer".

Para Lourido este feito "demostra que a RAG desconhece ou nom é sensível às demandas da cultura galega, mas também que o nacionalismo, com variantes, constitui um dos núcleos de poder dentro do sistema cultural galego e tem capacidade para impugnar as políticas institucionalizadas".

O investigador acha que desde a RAG se entendeu a posteriori que a escolha de Filgueira Valverde os situava fora do consenso, polo que optaria por umha celebraçom de "perfil baixo" e "tentando compensar com outras açons como a apresentaçom do recurso ao Decreto do Plurilingüismo. Essa opçom por nom fazer umha celebraçom expansiva que supere os limites do institucional, parece também interessar noutros setores, como o educativo e o da sociedade civil, dado o passado fascista da personagem".

> I. Lourido: "A RAG desconhece ou nom é sensível às demandas da cultura galega"

Um dia para a normalizaçom?

Lourido aposta por umha revisom crítica da ideia de normalizaçom e da cultura, e ante a pergunta de se considera que o Dia das Letras é útil para a normalizaçom do galego, expom que "pode ter umha funcionalidade pontual de revalorizaçom simbólica da nossa cultura, em determinados anos, com determinadas figuras, mas finalmente a RAG nom pode exceder os limites institucionais e jurídico-administrativos". Assim, este filólogo acredita que a RAG "nom tem a capacidade de planificaçom ou dinamizaçom social que muitas pessoas lhe adjudicam. Entre outras cousas porque perpetua um modelo de cultura (elitista, patriarcal, endogâmico, ritualizado) criado noutros tempos e noutras circunstâncias. Pensar, portanto, na RAG e no Dia das Letras como agentes 'normalizadores', no sentido mais positivo que podamos pensar para esta palavra, fá-se-me mui difícil".

Um dos espaços em que de sempre se centrou a atividade do Dia das Letras foi nos centros de ensino, onde as equipas de normalizaçom lingüística dinamizam diversas atividades. Desde a Coordenadora Galega de Equipas de Normalizaçom e Dinamizaçom Lingüística (CGENDL) também se mostram críticos com a utilidade normalizadora do 17 de maio. "O trabalho normalizador é um labor constante e continuado que se tem que adaptar ao contexto concreto em que se desenvolve", explicam desde a diretiva da CGENDL. "Às vezes aproveita-se a homenagem ao personagem escolhido para cobrir algum dos objetivos propostos, ademais de dá-lo a conhecer", acrescentam. "Mas a relevância normalizadora de um trabalho pontual centrado no autor ou autora das Letras nom terá mais relevância do que a difusom da sua obra e do seu legado. É muito mais interessante promover a cultura de hoje, viva e em ativo, dá-la a conhecer à gente nova, que fazer-lhe aprender à rapazada a biografia de determinados personagens", exponhem desde a Coordenadora.

A CGENDL publica desde 2010 um web monográfico especial em que se recolhem os recursos didáticos que se produzem nos centros de ensino por ocasiom do Dia das Letras. Mas neste ano dedicado a Filgueira Valverde o escasso fluxo de recursos levou a coordenadora a tomar a decisom de nom editar nesta ocasiom o monográfico das Letras. "Ademais da escassa obra literária do autor", razoam desde a CGENDL, "para nada comparável com Uxío Novoneyra, Lois Pereiro ou Vidal Bolaño, que permitírom levar às aulas valores literários e modelos estéticos e sociais atrativos aos olhos da mocidade actual, há que procurar as causas desta pouca visibilidade na polémica trajetória do homenageado, que provocou a implosom cultural das Letras Galegas 2015".

'The Walking Dead' (versom enxebre)

Já está às portas a festividade do dezassete de maio, dia de glória para as letras galegas, ateigado de floridos discursos e sentidas homenagens, de fundas declaraçons de amor cara a nossa cultura e cara o nosso idioma, num dia em que o galeguismo semelhe um vírus que contagia autoridades políticas e académicas de todo signo e condiçom, mesmo aqueles que o resto do ano nom gastam um peso em fazerem promoçom da nossa literatura.

Assistiremos nestas semanas a um espectáculo tam bem elaborado que pode chegar a confundir-nos, fazendo-nos crer que a literatura galega é justo isso que nos vendem desde o poder: umha procissom de mortos viventes procedentes do além, e que invadem museus e colégios com os seus rostos em branco e preto e a sua mitologia adaptada às circunstancias, pois nom convém desvendar as vergonhas dos defuntos.

Mas por trás dessa fachada de cartom-pedra, desde a CGENDL perguntamo-nos se resulta útil para a sociedade do século XXI este modelo de celebraçom onde prima o culto à morte, em troques da promoçom da indústria cultural contemporânea da Galiza, tam variada e atrativa como qualquer outra do mundo.

Porque a nossa cultura, a que está a fazer gente viva, já está farta de tanto zumbi. Quere, em câmbio, debate, público, mercado, diálogo, promoçom, publicidade…. E, sobretodo, umha outra atitude menos litúrgica e mais ativa, para que a criaçom artística nom remate devorada por um andaço de necrofilia.

Esse que nos fai adorar só aqueles que levam mais de dez anos por baixo dumha lápida.

Coordenadora Galega de Equipas de Normalizaçom Linguística

A EXAME

POR QUE É QUE TRIUNFOU A CANDIDATURA DUM ATIVO REPRESENTANTE DA DITADURA FRANQUISTA?

Filgueira Valverde, passado imperfeito

Tiago Peres

Em 1992 Tony Judt publicava 'Past Imperfect: French Intellectuals, 1944-1955', um interessante ensaio sobre a condição moral dalguns intelectuais franceses durante a pós-guerra. Nele, o historiador britânico mostrava os silêncios, gregarismo e cumplicidades dum grupo de pensadores que, como o filósofo cristão Emmanuel Mournier, tinham sido seduzidos pelo regime pró-nazi de Vichy. Judt, criticava também a sua aliança com os comunistas, com o único objetivo de fazer esquecer um passado politicamente escuro. Pensava no livro de Tony Judt durante o desenvolvimento da polémica escolha de Filgueira Valverde para o "Dia das Letras Galegas 2015". Não obstante, para além do debate suscitado, achava mais interessante conhecer os porquês da sua eleição. Por que é que triunfou a candidatura dum ativo representante da ditadura franquista? Por que é que para o presidente da Real Academia Galega, Filgueira "tiña erosionado a ditadura ao falar en galego nas primeiras cortes"? Por que é que em opinião de Xesús Ferro Ruibal, o galeguista "soubo atravesar unha ditadura, axeitándose o imprescindible ao sistema?".

A resposta parece simples: muitas das elites intelectuais galegas com poder político autorizado, não se importavam com a responsabilidade moral de Filgueira Valverde. Uma responsabilidade que ao não poder ocultá-la, procuraram minimizá-la, pondo em destaque aqueles aspetos menos comprometidos. No entanto, se alguma coisa é a história, é contextualização, e resulta impossível separar a obra de Figueira Valverde do seu percurso vital. Um percurso que abrange quase todo o século XX e que nos ajuda a perceber uma parte essencial da nossa história contemporânea. Por este motivo, nas próximas linhas prestaremos atenção aos aspetos mais incómodos da sua biografia, aqueles que deveriam ser o ponto de partida de qualquer historiador, mas que com certeza, não servem na construção do mito do homenageado.

> Resulta impossível separar a obra de Filgueira do seu percurso vital

Xosé Filgueira Valverde nasceu em Ponte Vedra em 1906. Estudou Direito, Filosofia e Letras e Psicologia nas Universidades de Santiago e Saragoça. Historiador, escritor, arqueólogo e antropólogo de ampla produção, participou na fundação do Seminário de Estudos Galegos (SEG) e integrou o setor tradicionalista e católico do Partido Galeguista, o mesmo que em 1931 esteve a ponto de frustrar a sua fundação. O motivo: os acontecimentos anticlericais vividos na Andaluzia[1].

Para o jornal arredista *A Fouce*, Filgueira pertencia a essa geração de "señores que invocan o nome de Galiza, pra defender sobre todo os intereses creados, ós privilexios e ás xerarquías serodias, antinaturales e inactuales"[2]. Os mesmos "senhores" que viviam com autêntico medo e insegurança as mudanças que se estavam a produzir no trânsito dessa sociedade tradicional do Antigo Regime ao mundo moderno, e a passagem duma política das elites a uma das massas. Em definitiva, estes galeguistas entendiam o cristianismo como a base mesma do espírito da Galiza, e talvez por esse motivo, e por causa da aliança do PG com a Frente Popular, decidiram criar em 1935 a Direita Galeguista.

A partir de 1936 o medo mudou de lado e esse "mozallón ben mantido, de gafas doutorais e de sorriso de coello"[3] passaria a dirigir as mais altas instituições políticas e culturais da ditadura: Instituto Padre Sarmiento, Presidente da Câmara Municipal de Ponte Vedra e do seu Museu Provincial, Procurador nas Cortes pelo terço familiar, e um longo etcétera. Sobre ele recaem também algumas perguntas ainda por desvendar: Qual foi o seu papel no julgamento e posterior assassinato de Alexandre Bóveda? Escreveu os poemas franquistas considerados de Noriega Varela?

Algumas respostas necessárias

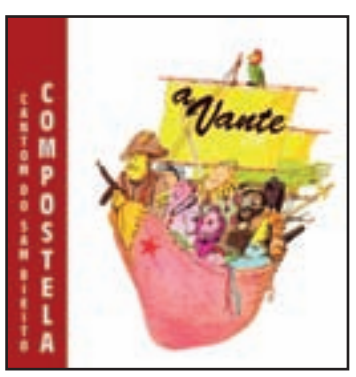
Foi Xerardo Álvarez Gallego, antigo militante do Partido Galeguista e cunhado de Alexandre Bóveda, quem acusou a Filgueira, de não ter comparecido no julgamento do seu antigo amigo e companheiro. Estas foram as suas palavras: "Namentres a testemuña incoparecente, señor Filgueira Valverde, falaba todos os días por Radio Pontevedra, gabando o "Glorioso Movimiento"- en castelán, naturalmente- e facendo méritos para ser nomeado alcalde de Pontevedra e Procurar en Cortes! Cargos que, por fin, tivo que arruzar porque con tal xentiña non val senón ser falanxista de corazón!"[4].

Assim mesmo, uma recente investigação do professor Freixeiro Mato confirmou a autoria de Filgueira dos poemas franquistas atribuídos por ele a Noriega Varela. Porque afinal, essa tinha sido uma das habilidades do "velho professor", com o poder suficiente para eliminar ou desvirtuar as provas da sua colaboração. Contudo, esta colaboração não se passou desapercebida nem para esse galeguismo cultural de Galaxia, cujos herdeiros estão hoje em dia a homenageá-lo.

Em 1951 Francisco Fernández del Riego escrevia a Luis Seoane advertindo-o da iminente viagem dum destacado agente do franquismo, o reitor da Universidade Compostelana. Del Riego, assinalava na carta que o reitor contava com o assessoramento de Filgueira Valverde e tinha por objetivo paralisar os ingressos económicos do Centro Galego de Buenos Aires, por temor a que pudessem financiar desde a emigração um movimento político galeguista na Galiza[5].

O próprio presidente da RAG escrevia numa data tão recente como 2009 sobre a condição moral de Filgueira. Em opinião de Alonso Montero, Filgueira tinha sido um homem que "tamén inspiraba confianza (ao regime) e que só moi ó final da Ditadura emitiu xestos que o relacionaban co seu pasado galeguista"[6]. A mesma confiança que inspirava Sanchez Cantón, impulsor junto com Filgueira de Bibliófilos Galegos e irmão de Luis Sánchez Cantón, capitão de artilharia que tinha detido no Governo Civil a Alexandre Bóveda[7]. Mesmo para aqueles galeguistas conservadores e católicos como Otero Pedrayo, a figura de Filgueira Valverde não deixava lugar a dúvidas: "soio me doe que o Filgueiriña fose presidindo de Alcalde o enterro de Cabanillas (13-XI-1959)"[8].

Em definitiva, Filgueira Valverde foi um galego franquista. Um



integrante dessas elites que em 1936 apoiaram o alçamento nacional. Um galeguista que em 1931 falava do espírito de irmandade do PG e em 1935 liderava a separação da Direita Galeguista. Cujo contributo a cultura galega esteve indissociavelmente unido à confiança que inspirava para o regime. Um representante desse regionalismo galeguista de carácter popularista perfeitamente assumível para a ditadura. E um agente, que como muitas outras elites franquistas, a partir de 1975 redescobriu o seu passado galeguista.

A decisão de eleger a Filgueira Valverde para o "Dia das Letras Galegas" constitui uma linha de continuidade do processo de transição na Galiza. Desse pacto realizado desde o alto por elites clarividentes, e onde a estratégia 'entrista' do Piñeirismo de hegemonizar a nossa transição cultural, retroalimentava-se com a necessidade de legitimação democrática de muitos franquistas. Como consequência, o 'Conglomerado Galaxia' continuou o caminho iniciado na década de 50 e que os levou a colonizar diferentes instituições políticas e culturais (Real Academia Galega, Instituto Galego da Língua, Consello da Cultura Galega etc.). Filgueira Valverde foi mais uma peça dessa estratégia. E uma peça importante, já que como Conselheiro de Cultura com Alianza Popular aprovou em 1982 o famoso "Decreto Filgueira", que tornava por primeira vez legal a separação linguística entre o galego e o português. Ficava longe no tempo a sua apaixonada defesa desde as páginas da *Fouce* da unidade linguística galego-portuguesa[9], assim como ficava longe aquele espírito do Partido Galeguista de estar ao serviço das massas de labregos e marinheiros. As elites voltaram ganhar. O círculo fechava-se.

> Filgueira foi uma peça importante da estratégia entrista do Piñeirismo

1. Em, CASTRO, X: *O galeguismo na encrucillada republicana*, Ourense: Dep. De Ourense, 1985, p.103.
2. Em, NÚÑEZ SEIXAS, X.M: O *galeguismo en América (1879-1936)*, Corunha: Edicións do Castro, 1992, p.292.
3. Em, ÁLVAREZ GALLEGO, X: *Vida, paixón e morte de Alexandre Bóveda*, Vigo: A Nosa Terra, 1996.
4. Ibídem, p. 224.
5. Fundación Penzol. Correspondência entre Francisco Fernández Del Riego e Luis Seoane.
6. ALONSO MONTERO, X: *Ramón Piñeiro ou a reinvención da cultura galega*, Vigo: Galaxia, 2009, p.135.
7. Ibídem, p.130.
8. Ibídem, p.218.
9. Em"*60 millons de persoas falan o idioma portugués*", A Fouce, 54, 15/09/1932.

ENTRELINHAS 'DECRETO FILGUEIRA'

'Jujitsu' contra a oficialidade

Conta a Wikipédia que umha das possíveis origens do 'jujitsu' estaria nos samurais. Os guerreiros nipónicos teriam desenvolvido esta arte marcial ante a hipótese de no campo de batalha ficarem desarmados e em inferioridade. Nessa situaçom, cumpria mudar de estratégia e abandonar os golpes diretos, empregando em seu lugar torçons e luxaçons que permitam usar a força do inimigo contra ele próprio. Daí o nome do 'jujitsu', que vem a significar 'arte suave'.

RAUL RIOS / Ante a decisom da Real Academia Galega (RAG) de dedicar o Dia das Letras Galegas 2015 a Xosé F. Filgueira Valverde há, para quem se opom a esta homenagem, duas opçons: A primeira é a da oposiçom frontal em campo aberto: sabendo-nos em inferioridade, repetimos umha e outra vez em comunicados, artigos de opiniom e comentários de *Facebook* que Filgueira foi um fascista e que nom merece gratidom nengumha. Umha opçom legítima e necessária, mas com um percurso limitado. A outra opçom é a do *jujitsu*: aproveitar o interesse despertado por um acontecimento que nos vem dado desde arriba e empregá-lo como alto-falante para o nosso discurso. Usar a força do inimigo em benefício próprio numha situaçom de inferioridade. Esta foi a técnica empregue pola Associaçom Galega da Língua (AGAL) com o documentário 'Decreto Filgueira', dirigido por Ozo Perozo. A peça audiovisual, de 30 minutos, aproveita a polémica suscitada pola eleiçom da RAG para sacar à luz um tópico que foi confinado num lugar secundário do debate ao longo do último ano: o papel de Filgueira Valverde no processo de codificaçom do galego oficial nos alvores -nunca melhor dito- da Autonomia.

> A técnica 'jujitsu' revela-se eficaz para dar-lhe a volta às velhas hegemonias

O documentário está composto por umhas breves explicaçons em *off* e umha série de entrevistas montadas que desenvolvem o relato. Entre as vozes presentes há historiadores -como Tiago Peres, Uxío-Breogán Diéguez ou Carlos Velasco-, figuras do âmbito da língua -María Xosé Queizán ou Isaac A. Estraviz- e mesmo persoeiros mais ou menos implicados nos próprios factos -Xosé Luis Barreiro Rivas, Francisco Fernández Rei, José Luís Rodríguez, Francisco Rodríguez ou Elvira Souto.

Num momento em que, à vista das estatísticas, a legitimidade da estratégia isolacionista vai estando cada vez mais questionada, o documentário tem a virtude de recuperar do esquecimento a história de como se impós a normativa que hoje padecemos e as motivaçons políticas de tal escolha. Porque só sabendo como chegamos até aqui teremos liberdade para decidir como queremos seguir. E igual que os samurais lhe davam a volta ao corpo dos seus oponentes, a técnica *jujitsu* também se revela eficaz para dar-lhe a volta às velhas hegemonias: no momento de escrever estas linhas, 'Decreto Filgueira' tem 1.800 reproduçons em *youtube*; 'Contextualizando a Filgueira Valverde', produzido por Galaxia e com colaboraçom da Junta, ainda nom chega aos mil visionados.

EM ANÁLISE

PLANOS DE CHOQUE NEOLIBERAIS COMO O TTIP LEVAM SENDO IMPOSTOS POR TODO O MUNDO DESDE HÁ DECADAS

A terapia de ‘shock’ do TTIP

A dinámica de luita contra o Acordo Transatlántico de Comércio e Investimento (TTIP) está envolvendo cada vez mais setores da sociedade ativa. A preocupaçom vai crescendo ao tempo que aparecem novas filtraçons e se publicam novas análises. Um dos lugares-comuns no discurso crítico com o TTIP é que este é um acordo sem precedentes, que nunca nos enfrentamos a nada igual. Umha afirmaçom que só é certa em parte. O TTIP está chamado a acabar com o que fica do chamado estado do bem-estar europeu. Aliás, quer fazê-lo seguindo um ‘modus operandi’ que rompa todas as regras da democracia formal que conhecemos: negociaçons completamente secretas, aprovaçom sem passar polas urnas, modificaçom de toda a legislaçom económica em apenas um golpe... em definitivo, para quando a gente souber das suas consequências, o TTIP já estará aprovado e será muito difícil botá-lo abaixo. Do ponto de vista ocidental, todo isto pode parecer umha novidade. Porém, dum ponto de vista mais amplo, atendendo à história da globalizaçom, a realidade é que planos de choque como o TTIP, ‘modus operandi’ incluído, levam sendo impostos polo mundo adiante desde há várias décadas. A jornalista Naomi Klein chamou-no 'terapia de *shock*'.

VERA-CRUZ MONTOTO

O plano de choque redigiu-se numha reuniom de quinze dias a porta fechada

RAUL RIOS / “Vam-nos matar”. Esta foi a ilustrativa expressom escolhida polo economista Fernando Prado para descrever a previsível resposta social que suscitaria o plano de ajuste neoliberal que ele e os seus colegas estavam a preparar para Bolívia. Corria o verao de 1985 e o país acabava de realizar as suas primeiras eleiçons após vários anos de ditadura. Prado trabalhava como assessor da Asociación de Bancos Privados de Bolivia (Asoban) e era o membro mais novo da equipa de tecnocratas a que o presidente eleito Víctor Paz Estenssoro encomendara a missom de preparar um plano de choque económico de cor neoliberal com o objetivo declarado de conter a crise hiperinflacionária em que o país se encontrava submergido.

Nom exagerava Prado ao prever que o povo pediria as suas cabeças, literalmente, quando o governo pugessse em marcha o seu plano de choque neoliberal. Ele e a sua equipa propunham umha série de medidas de duvidosa popularidade: supressom dos controlos de preços, abertura de fronteiras sem limites às importaçons, reduçom drástica de tarifas aduaneiras, livre movimento de capitais, cortes exagerados nas despesas do Estado, congelaçom do salário dos funcionários, reduçom do plantel das empresas públicas como passo prévio à sua privatizaçom total, eliminaçom dos subsídios para alimento e suba de 300% do preço do petróleo. O plano de choque acabaria com as conquistas sociais das últimas décadas e imporia um novo modelo económico a partir de zero na Bolívia.

O principal autor intelectual do programa foi o estado-unidense Jeffrey Sachs, fortemente influenciado polo ideário de Milton Friedman e a Escola de Chicago, embora mantivesse certas reminiscências keynesianas. Para Sachs, a única maneira para a Bolívia sair da crise hiperinflacionária era submetê-la a um *shock* de livre mercado.

Em Bolívia aplicou-se um único decreto que continha 220 leis diferentes

O principal impedimento para o governo boliviano levar adiante o seu plano era a previsível oposiçom popular que este suscitaria. O recém-eleito primeiro-ministro Paz já tivera o mesmo cargo anos antes, até ser deposto por um golpe de estado. No seu dia levara adiante políticas de corte desenvolvimentista, como a nacionalizaçom das minas de estanho ou aa distribuiçom de terras entre os camponeses. Nas eleiçons de 1985, Paz voltaria a ser eleito, vencendo nas urnas o ex-ditador Hugo Banzer. Nengumha das medidas que posteriormente aplicaria como parte do *shock* de livre mercado fora consignada no seu programa eleitoral; os bolivianos votaram nas políticas desenvolvimentistas.

Longe dos focos

Para tentar minimizar a tam temida resposta popular -que nom deixava de ser a maior ameaça para o programa oculto de Paz-, o primeiro-ministro designou um grupo de especialistas para preparar o plano de ajuste de forma totalmente secreta. A opacidade chegava até tal ponto que, de todos os membros do gabinete de governo da Bolívia, apenas dous deles tinham conhecimento da própria existência do dito grupo: os ministros da Planificaçom e da Economia, que faziam parte do mesmo.

Este comité clandestino de neoliberais reuniu-se durante 17 dias a fio na residência palaciana de Gonzalo Sánchez de Lozada (alcunhado como Goni), um senador recém-eleito que também era proprietário da segunda maior mina privada da Bolívia (Comsur). Foi assim, numha reuniom de mais de duas semanas à porta fechada, que se preparou o plano de ajuste que mudaria a vida dos bolivianos.

Mas o problema da opossiçom popular continuava aí. Cumpria-se a profecia de Prado e os bolivianos matariam os artífices da contrarreforma neoliberal? Para evitar que tal cousa acontecesse, o grupo secreto de tecnocratas exigiu que todas as suas medidas fossem aplicadas simultaneamente e dentro dos primeiros 100 dias de governo. Figérom questom de reunir todos os pontos do plano num único decreto executivo, o D.S. 21060, que continha 220 leis diferentes e tocava absolutamente todos os aspetos da economia boliviana. Por último, mas nom menos importante, o grupo também insistiu em que o seu plano de choque deveria ser aprovado ou rejeitado na sua totalidade, sem possibilidade de introduzir emenda algumha.

Apenas três semanas depois de jurar o cargo como primeiro-ministro, Paz daria a conhecer as 60 páginas do plano de ajuste à sua equipa ministerial numha reuniom à porta fechada. Dous dias depois comunicou-no à naçom através do seu famoso discurso televisado *Bolivia se nos muere*. Finalmente, com o povo desprevenido, conseguiu aplicar o plano nos primeiros 100 dias de governo.

A terapia do ‘shock’

A história de como um pequeno grupo de empresários e neoliberais fulminou dum só golpe todo rasto de direitos sociais para impor um modelo de capitalismo radical na Bolívia conta-a a jornalista Naomi Klein no seu best-seller *The Shock Doctrine: The Rise of Disaster Capitalism* (traduzido para a nossa língua como *A Doutrina do Choque: a Ascensão do Capitalismo de Desastre*). Além dos perniciosos efeitos que as políticas económicas neoliberais tenhem sobre a populaçom, largamente analisados, o que interessa destacar aqui é o modus operandi dos reformadores. Klein explica o *shock* económico com estas palavras: “A premissa é que as pessoas podem desenvolver respostas às mudanças graduais - um corte num programa de saúde pública por aqui ou um acordo comercial por alá -, mas se o que lhes vem acima som dezenas de mudanças desde todas as direçons e ao mesmo tempo, o que lhes invade é umha sensaçom de inutilidade e a populaçom acaba por cansar e abrandar”.

É assim como Sachs e a equipa de tecnocratas bolivianos conseguiu levar adiante o golpe de estado económico: Primeiro, preparárom de forma totalmente secreta um plano de choque que transformasse radicalmente a economia boliviana. Segundo, o plano só viu a luz pública quando estava pronto para ser aplicado por de-

O Cavalo de Troia é empregado como metáfora do TTIP por umha das campanhas contra o tratado

creto, evitando qualquer tipo de debate. Para quando o povo tivo consciência do que estava a acontecer, o plano já estava em marcha e as reformas empreendidas eram praticamente irreversíveis.

Embora fosse necessário impor um estado de excepçom para aplacar a oposiçom popular (200 líderes sindicais foram detidos durante três meses enquanto se impunha o plano), a da Bolívia foi a primeira transformaçom radical de corte neoliberal levada a cabo numha democracia formal. Era o aperfeiçoamento da técnica que já se empregara em países como o Brasil, Uruguai ou a Argentina através de golpes de estado militares financiados e orquestrados a partir dos Estados Unidos.

O primeiro fora no Chile de 1973, onde os *Chicago Boys* prepararam o plano de choque neoliberal com o mesmo secretismo com que os militares preparavam o golpe de estado. No próprio dia do golpe, enquanto os sublevados acabavam a tiros com a democracia, os discípulos de Friedman imprimiam a toda a pressa nas rotativas do jornal *El Mercurio* as 500 páginas do seu programa económico. O documento, conhecido como *el ladrillo*, estaria sobre a mesa dos ministros golpistas ao dia a seguir, pronto para ser aplicado com as ruas de Santiago ainda tintas de sangue.

A lista de países que sofreriam a terapia de *shock* neoliberal, - terminologia que Klein toma dos próprios neoliberais - continuaria aumentando depois da Bolívia. Com maiores ou menores níveis de repressom e violência, o mesmo guiom iria repetir-se em vários países da América Latina durante a crise da déveda, na China, na Polónia, na Rússia pós-comunista de Yeltsin ou no suleste asiático.

O 'shock' do TTIP

Na história recente do Estado espanhol, o mais parecido que se viveu a umha terapia de *shock* foi, se calhar, o plano de ajuste promovido polo governo de Zapatero há exatamente cinco anos. Em 12 de maio de 2010, recém-chegado de Bruxelas, o primeiro-ministro espanhol comparecia no Congresso para anunciar o maior corte ao estado do bem-estar do regime de 78 até a data, tudo sob o álibi da reduçom do deficit público. Nengumha das suas medidas fora no programa eleitoral do PSOE, mas isso nom impediu que apenas umha semana depois o plano de choque fosse aprovado por Real Decreto-Lei, modificando várias leis prévias dum mesmo golpe.

Se no abraço à ortodoxia da austeridade de Zapatero se podem perceber certos paralelismos com a terapia do *shock* descrita por Naomi Klein, as semelhanças som completas ao atender ao Acordo Transatlântico de Comércio e Investimento (TTIP, polas suas siglas em inglês), quer polo seu processo de negociaçom, quer pola própria natureza do tratado.

É difícil nom lembrar aquelas reunions no palacete boliviano de Goni, onde tecnocratas e empresários desenhavam o plano de choque à porta fechada, quando se observa o proceder das negociaçons do TTIP. À semelhança da Bolívia, os participes destas negociaçons som tecnocratas e empresários: os primeiros, designados polo governo dos EUA e a Comissom Europeia; os segundos, representados através dos seus *lobistas* profissionais. E, como na Bolívia, as reunions e os seus resultados som completamente secretos. Apesar de que na Europa sim que existe reconhecimento oficial da existência de negociaçons e haja certos documentos à disposiçom do público, o ocultamento mediático provoca que a grandíssima parte da populaçom desconheça a simples existência do TTIP.

Atado e bem atado

Se os movimentos sociais que luitam contra o TTIP nom tiverem sucesso, é possível que o comum da gente só saiba da existência do tratado quando este for aprovado e os seus efeitos se deixem notar,

> Quando a cidadania sofra o TTIP em carne própria já será demasiado tarde

e isso seria demasiado tarde. Como aconteceu com outras terapias de *shock*, o TTIP será muito difícil de derrubar umha vez que esteja em vigor. Como outros acordos de investimento internacional - sempre presentes nos planos de choque -, o TTIP inclui cláusulas que obrigam os Estados assinantes a pagar vultosas indemnizaçons às empresas se num futuro esses Estados decidirem mudar as suas políticas num sentido que ponha em perigo os interesses dessas empresas. Da mesma maneira, as empresas poderám demandar os Estados para que retirem aquelas leis já vigentes que forem contra os seus lucros. A única forma de se evitar isso é incluir aquelas políticas que nom se desejarem modificar numha lista de exceçons - nom modificável *a posteriori*.

Com este desenho, nom é difícil imaginar o cenário pós-TTIP. Quando a cidadania sofra em carne própria as consequências do tratado já será demasiado tarde para impulsar leis que protejam os direitos laborais, que proibam os alimentos transgénicos, que mantenham o carácter público da sanidade e a educaçom ou que impedam o *fracking* nas terras da gente. Até o governo mais à esquerda se veria em sérias dificuldades para fazer frente às multas que impom o TTIP por mudar as políticas de forma desfavorável para as multinacionais.

> Até o governo mais à esquerda teria sérias dificuldades para fazer frente ao acordo

Que o TTIP modifique ao mesmo tempo toda a legislaçom económica é tam importante como a sua irreversibilidade. Se começar afetando apenas a legislaçom em matéria sanitária, ponhamos por caso, a populaçom teria tempo de reagir e evitar que as restantes medidas do tratado forem aplicadas. Igual que aconteceu em Bolívia, onde o D.S. 21060 modificou 220 leis em sinultáneo, o TTIP funcionará como quadro superior para as regulamentaçons próprias dos Estados. Desta forma, serám os parlamentos eleitos que tenham que legislar atendendo ao TTIP, nom o TTIP o que tenha que respeitar a democracia representativa.

Como no resto de países vitimados por terapias de *shock*, a populaçom europeia tem agora mesmo preocupaçons mais urgentes que atender do que o TTIP. No passado fôrom golpes de estado, guerras, desastres naturais ou, como agora, crises económicas de grande envergadura. No contexto europeu atual, a simples supervivência diária ou a mobilizaçom contra os ataques mais evidentes som questons que tenhem demasiado ocupada a cidadania para que esta atenda também a luitas de mais longo alcance que, ademais, muitas pessoas mesmo desconhecem. Do sucesso ou do fracasso dos movimentos sociais contra o TTIP dependerá que Europa consiga frear a maior ameaça para a democracia e os direitos sociais dos últimos anos ou que, ao contrário, as elites corporativas imponham o seu paraíso capitalista e o deixem todo atado e bem atado.

bar faluya
Orzán 75, A Coruña

RúA
Restaurante
Tlf. 981 55 64 69
Santiago de Compostela
Rúa de San Pedro, 24

Queremos dar VOZ às que luitam
www.diarioliberdade.org
Portal anticapitalista da Galiza e os povos lusófonos

GD
Subscríbete
www.galiciaconfidencial.com

neves asesoría
Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

A CONVERSA

VERÓNICA RAMILO, SEXÓLOGA

“É claro que o consumismo também chegou à sexualidade”

BETI VÁZQUEZ / **Galega emigrada na Catalunha, Verónica Ramilo é sexóloga com ampla experiência em terapias de casal, terapias sexuais ou no trabalho com pessoas com diversidade funcional. Atende-nos recém-chegada do cárcere, onde deu umha oficina de autoconhecimento através dos retratos fotográficos supervisada pela sua professora, Cristina Núñez. Com ela continua a formaçom até dominar bem a metodologia. Porque Ramilo tem em mente um objetivo. Outro projeto. Um que misture fotografia e terapia e que desenvolverá com mulheres que, como ela, padecem endometriose.**

Os conhecimentos ligados à sexualidade parecem centrados no 'sexo que se fai' e nos seus condicionantes sociológicos, antropológicos, psicológicos, sanitários, morais... Você defende outra sexologia, a do 'sexo que somos'. Como se entende a sexualidade desta perspetiva?

A sexologia da qual eu venho é umha corrente que se chama 'sexologia substantiva', impulsada no Estado espanhol por Efigenio Amezúa há já mais de 30 anos. Falamos dos sexos, dos seus encontros e desencontros, de mulheres e de homes, de sentimentos, de emoçons, de identidades, de jeitos de nos comunicar, de *ars amandi*, de relaçons, de possibilidades e de dificuldades, de vivências. Falamos de todo o que tem a ver com o facto sexual humano e as suas múltiplas maneiras de se manifestar.

Umha vez lim esta frase numha parede: *De tanto fazer-che de comer e de tanto fazer-che a cama, esquecim fazer-che o amor*. Que influência tenhem os papéis e estereótipos de género nas nossas relaçons eróticas? Há diferenças se a relaçom é heterossexual ou homossexual?

As dificuldades eróticas, que é como prefiro chamá-las, tanto em parelhas heterossexuais como homossexuais podem ser devidas a múltiplas causas. Entre elas, ao facto de termos interiorizados roles e estereótipos de sexo que nos dificultam viver com satisfaçom a nossa erótica. O facto de termos interiorizados papéis e estereótipos de sexo, pode limitar-nos no momento de expressar as nossas particulares eróticas. Em vez de fazermos aquilo que desejamos, fazemos aquilo que se supom que temos que fazer, e estou a falar tanto dos homes como das mulheres e tanto de relaçons heterossexuais como homossexuais.

> “As mulheres, a comunidade LGTBI, gente com diversidade funcional ou pessoas com doenças temos muito que achegar à sexualidade”

A respeito dessa frase que citas, muitas parelhas heterossexuais quando vam buscar umha 'terapia sexual' descobrem que há outros factores e detalhes que influem na sua erótica, mais alá da cama, que é preciso cuidar, pactuar ou renegociar, como podem ser as tarefas da casa. Também passa ao contrário. Parelhas que vam buscar umha 'terapia de parelha' por umha difícil convivência, topam-se com que se atendem à sua erótica num sentido amplo, cuidando as mostras de afeto, de carinho... E assim podem chegar a melhorar a sua convivência.

Quantos mais orgasmos... melhor? Chegou o 'consumismo' à sexualidade?

Chegou, claro. Basta ver os anúncios de joguetes genitais onde os dizeres “incrementa o teu prazer”, “maximiza a tua ereçom” “aumentarám a tua capacidade para conseguir orgasmos”... som um reclamo para, em teoria, chegar a alcançar umha espécie de nirvana erótico. Este tipo de mensagens levam de fundo a ideia da busca constante deste prazer supremo que nos dim que deve (ou seja, é umha obrigaçom) ser experimentado para alcançar o clímax máximo. Para nom falar dos grandes benefícios para a saúde de que às vezes falam, como umha justificaçom, para consumir.

Comparto totalmente a visom do companheiro sexólogo Samuel Diez Arrese. Sem nos darmos conta, a indústria dos brinquedos hedónicos, ou para os genitais, vende-nos, além dos seus produtos, um modelo. Este modelo nom é anódino. É um modelo que com mais ou menos adornos, gira em torno à excitaçom como estado, os genitais como área, a penetraçom como prática e, ante todo, o orgasmo como meta. As consequências som que há muitas pessoas insatisfeitas, infelizes com a vivência da sua sexualidade porque nom cumprem 'a norma'. Esta norma que diz que quantas mais relaçons, quantos mais orgasmos, quantos mais brinquedos eróticos... mais vales, mais modern@ és. Isso gera umha pressom mui grande. Tés que consumir à força. Ou serás “rarinh@”, reprimid@, convencional... Nessa constante de prazer, onde é que fica o desejo? Que é realmente o que desejamos?

Tem trabalhado a sexualidade em pessoas com diversidade funcional. Como se aborda esta temática quando confluem dous tabus tam fortes?

A maior parte das vezes já nem sequer se aborda. Existe um duplo

> “Existe um duplo estigma social que considera as pessoas com diversidade funcional como seres assexuados, incapazes de desejar ou de serem desejados”

estigma social que considera as pessoas com diversidade funcional como seres assexuados, incapazes de desejar ou de serem desejados. Mas também o contrário. Ou seja, no caso, por exemplo, dumha pessoa com síndrome de Down, existe a ideia de que estám hipererotizados.

Portanto, invisibilizamos, ou deixamos em segundo plano, a sua sexualidade como algo nom prioritário, ou nom atendemos às suas necessidades, nom oferecemos oportunidades para que as pessoas tenham relaçons de parelha, acesso ao gozo do seu próprio corpo, incapacitamo-las, julgamo-las. Mas há umha mui boa notícia: há pessoas, associaçons, coletivos e entidades que estám a fazer um grande trabalho neste ámbito, como podem ser a associaçom Sexualidad y Discapacidad, Tandem Team ou Sex Asistent e o projeto *Yes we fuck*.

De diferentes maneiras, com diferentes objetivos, mas todas elas estám a visibilizar a sexualidade das pessoas com diversidade funcional satisfazendo as suas demandas, oferecendo possibilidades, sensibilizando familiares e profissionais. Em resumo, pondo na agenda esta realidade de corpos diversos que, como diz Antonio Centeno de *Yes we fuck*, desejam e podem ser desejáveis.

Governos como o da Dinamarca, Alemanha ou Suíça financiam assistent@s erótic@s para que mantenham relaçons com as pessoas com diversidade funcional que assim o demandem. Também na Catalunha se tem avançado algo neste sentido. Concorda com este tipo de iniciativas? Som necessárias?
Concordo, sim, com este tipo de iniciativas. Penso que som um recurso mais e poderia estar bem que as pessoas com diversidade funcional pudessem ter acesso. Mas, é preciso nom esquecermos outras cousas igualmente necessárias, tais como a educaçom sexual dirigida a pessoas com diversidade funcional, às famílias e ao conjunto da populaçom.

Tanto na Catalunha como no Estado espanhol esta figura ainda nom está reconhecida. Mas, cada vez mais, está-se a começar a promover e visibilizar através de várias organizaçons e associaçons. Eu conheço as de Barcelona, que é onde moro: Sex Asistent e Tandem Team Bcn. Há dous anos Aspaym Catalunya, junto com Sex Asistent Catalunya, organizárom umhas jornadas com o nome de 'DiverSexualidade. Romper tabus para a viver' onde se apresentou a figura d@ assistente sexual e falou-se da sexualidade em geral. Estas jornadas fôrom apresentadas por representantes do Departamento de Bem-estar Social e Família da Generalitat de Catalunha, o que indica que há umha certa vontade polo menos para escuitar as necessidades e demandas das pessoas com diversidade funcional.

Um professor seu, Marcos Sanz, dixo-lhe umha vez que “Há umha sexualidade que inventa e outra que repete”. Qual prefere e por quê?
Marcos Sanz estava a falar de que há umha ordem constituída socialmente que modela o gozo em termos de desejo heteronormativo, prazer coitocêntrico e corpo genitalizado e, portanto, inferioriza-se todo o que nom é heterossexual, coital ou genital. Este é o modelo básico de home heterossexual. As mulheres e outros grupos sociais tais como a comunidade LGTBI, pessoas com diversidade funcional ou pessoas com diferentes doenças, temos muito que dizer e muito com que contribuir, visibilizando outras vivências que som, atençom, tam válidas como esse prazer coitocêntrico, genital e heterossexual. Porque na realidade o desejo é polimórfico, poliédrico. Há muitas possibilidades, tantas como pessoas.

“Sobre a endometriose cumpre investigar para dar respostas às nossas necessidades”

Falou de pessoas com doenças e você sofre a endometriose. O NOVAS DA GALIZA publicou no mês de março umha reportagem sobre esta enfermidade. Gostaria de compartilhar connosco a sua experiência pessoal?
Eu comecei a ter dores com a regra cada vez mais fortes haverá uns 12 anos. Fôrom aumentando em intensidade, até que em cada regra sempre tinha que tomar analgésicos por nom poder aturar as dores. Como considerava que isso era normal, nom consultei com médica nengumha. Diagnosticárom-me a doença há uns 4 anos por causa dumhas moléstias nos ovários, que apareciam depois do coito, que antes nom tinha. A soluçom que me davam era tomar anticoncetivos e decidim nom medicar-me, mas sim fazer controlos cada ano, para ver se o quisto que convive comigo medra ou nom. Desde há um ano e meio notei outros sintomas, como moléstias durante a digestom. Preocupada, comecei a investigar e topei com a associaçom catalá de afetadas, a EndoCat, onde conhecim mulheres que passam pola mesma situaçom ca mim e com diagnósticos mais complexos. Nessa mesma altura diagnosticárom-me umha endo profunda que finalmente, após várias provas, ficou descartada.

Durante a documentaçom para a reportagem conhecim casos de mulheres que, como você descreve, sofrem dores com as relaçons sexuais. Como afetam a autoestima da mulher e a relaçom de parelha?
A autoestima da mulher pode ver-se afetada pola crença de que “nom som suficiente mulher se nom tenho relaçons eróticas e se nom podo ser mai”. Quanto à parelha, pode afetar se as relaçons eróticas estám baseadas na penetraçom. Se a parelha nom é capaz de reinventar-se, de ampliar o seu imaginário erótico. Mas nom afeta se há umha boa comunicaçom, cumplicidade e compreensom. Neste caso, a endo pode mesmo viver-se como umha oportunidade para aprofundar e medrar juntas. Mas eu fago-me umha pergunta: afeta por igual as mulheres que tenhem como parelha um home e as que tenhem como parelha outra mulher?

E tem resposta para essa pergunta?
Pois nom. Só conheço um caso de mulheres lesbianas e ainda nom figem as enquisas, pesquisas e entrevistas para poder dar umha resposta em firme. Mas gostaria de lançar a pergunta para a reflexom.

As dores de que falávamos antes nom som só durante a penetraçom. Também sobrevenhem nalguns casos só com a excitaçom.
Sim, comentárom-me dalgum caso, mas nom tenho muita informaçom de a que pode ser devido porque nom há nengum estudo feito a nível estatal sobre a sexualidade e a endometriose. Se queremos saber como afeta esta enfermidade em diferentes áreas da sexualidade das mulheres, temos que recorrer a investigaçons feitas fora. Cumpre realizar algumha investigaçom aqui, para poder dar respostas às nossas necessidades.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

CULTURA

ABRAHÁN BANDE, RESPONSÁVEL POLA EDIÇOM GALEGO-PORTUGUESA DO 'ATLAS OF STATELESS NATIONS IN EUROPE'

“Editar esta obra na nossa língua era umha questom simplesmente necessária”

RUBÉN MELIDE / No ano 2010, vinha a lume o 'Atlas of Stateless Nations in Europe', da mao do autor e ativista bretom Mikael Bodlore-Penlaez. Até a data, a obra apenas está editada em francês e inglês. A nossa será a terceira língua em que o Atlas poderá ser consultado e desfrutado, em boa parte mercê ao entusiasmo e a dedicaçom de Abrahán Bande Paz, um galego do ourensano bairro da Ponte que, por motivos laborais, reside na Catalunha. Originário dumha naçom sem estado e residente numha outra, Bande pujo-se maos à obra para concretizar o seu anseio: ter nas suas maos a obra de Bodlore-Penlaez em galego-português, para o qual contatou com o editor Xavier Paz. O livro, para além da traduçom, está a ser objeto de um intenso processo de revisom e adaptaçom, para o qual foi conformada umha equipa multidisciplinar.

Como surgiu a ideia da realizaçom do Atlas?
Desde criança sempre sentim muita atraçom polos mapas em geral e os livros em formato Atlas. Sempre percebera que os mapas e os Atlas tinham umha mesma focagem, orientada à centralidade, onde nom havia lugar a mostrar a diversidade e realidade dos diferentes povos que, como o meu, deviam ser expostos num mapa qualquer. Foram muito contadas as vezes que conseguim ver algum mapa que trocava a centralidade, em prol da diversidade, e o meu interesse na temática aumentou de maneira considerável, quando vim o primeiro.

Passado o tempo, descobrim a plataforma eurominority.org e interessei-me polo seu trabalho, sobretudo, no aspeto cartográfico, já que achei que estavam feitos com muito repeito às realidades minoritárias (nom apenas na Europa, mas também no resto do mundo), e apresentando-os em diferentes níveis como o territorial, o etnolinguístico.

Contatei diretamente com o responsável da organizaçáo, Mikael Bodlore-Penlaez, expliquei-lhe que gostava dos seus trabalhos cartográficos e solicitei um exemplar em inglês do *Atlas of Stateless Nations in Europe*. Também lhe dixem que, em caso de precisar ajuda com algo (organizaçom dos mapas ou pequenas traduçons), eu responderia desinteressadamente, em especial para o caso do Atlas. Entom ele propujo-me fazer a versom do seu Atlas na língua que eu escolher. Aí foi quando começou a ser umha ideia com certa projeçom.

Achei que a temática era perfeita para compreender a nossa singularidade, além de fazer um estudo comparado do resto dos povos minoritários da Europa. Sem dúvida, os conteúdos deste Atlas nom deviam ficar só no nosso imaginário e era preciso converter-se num referente na Galiza. O Atlas somente tem umha versom em francês e umha outra em inglês, polo que editar a versom em galego-português pareceu-me simplesmente necessário.

> “A temática era perfeita para dar a conhecer a nossa singularidade, para além de contrastar o galego com os outros povos europeus”

Podes falar-nos dalgum povo da Europa surpreendente ou relativamente desconhecido nas nossas latitudes?
Chamárom-me especialmente a atençom algumhas particularidades do povo Sámi, a quem se conhece erroneamente como 'lapons'. Este povo sofreu a repressom e a negligência dos governos que o dirigírom, os quais consideravam-nos diretamente inferiores. Por exemplo, a conhecida expressom 'lapom' é usada numha forma depreciativa por parte da populaçom. *Lapp* é um antigo termo escandinavo utilizado para descrever um peça de roupa desgastada ou *lape*, e em finês significa 'periferia'. A proibiçom de qualquer expressom cultural e de falar o idioma Sámi intensificou-se no século XIX. Nom foi até a década de 1980 que o povo Sámi conseguiu um excelente retorno para o cenário público, permitindo-lhes desenvolver a sua autonomia pola via pacífica e assim fazer valer a sua identidade. Eles mantenhem umha relaçom especial com a natureza e vivem em harmonia com ela. Achei muito interessante o facto de a comunidade Sámi se basear tradicionalmente no chamado *siida*, que consiste em unidades e coletividades de direito comum, que utilizam o seu próprio conselho e administraçom, com o fim de repartir terrenos de caça e pesca. Em geral, vejo-os como um povo valente e que nunca renunciou à sua identidade, apesar de sofrerem umha forte repressom.

É também interessante conhecer que existe atualmente umha minoria eslava na Alemanha, que sofreu umha forte repressom, como som os Sorábios (Alta e Baixa Lusácia hoje em dia).

Entre a Moldávia e a Ucrânia está a regiom turcófona da Gagaúzia, os quais distinguem-se dos turcos por serem cristaos.

Em geral, este é um trabalho para termos umha maior compreensom dalgumhas minorias já sobejamente conhecidas e também para aproveitarmos a oportunidade de conhecer outras realidades menos vivas, mas nom por isso menos relevantes.

Como está a correr o processo de elaboraçom dos conteúdos? Como é que se está a coordenar a equipa?
Desde o começo consideramos que era preciso mudar algumhas cousas, a respeito da versom original do livro. O autor do livro é bretom, e portanto é lógico que enfatize mais em pontos que ele considera mais salientáveis, assim como nós adotaríamos outros diferentes para desenvolvermos a versom galega. Na versom original havia algumhas imprecisons e informaçons insuficientes em partes que para nós era fundamental desenvolver. Portanto, tivemos que trabalhar nestes

pontos, sem estragar a lógica empregada polo autor. Aliás, a versom original do autor é do ano 2010. Acontecêrom muitas cousas em cinco anos, tais como os referendos na Escócia ou na Catalunha, ou o estalido do conflito na Crimeia e na bacia do Donets. Para isso, o autor considerou que devíamos refazer as partes que nós consideráramos oportunas. Após umha revisom detida do Atlas, decidimos que as partes a revisar, adaptar e atualizar seriam a Escócia, os Países Cataláns, o País Basco, o modelo autonómico no Estado espanhol, Crimeia-Bacia do Donets, e a Galiza. A adaptaçom e atualizaçom de dados está sendo complexa, devido a que se produzem mudanças diárias que é preciso reflexar. Na equipa de ediçom estamos de acordo em que, pola temática a tratar, devemos utilizar umha visom clara e direta nos conteúdos.

A nossa equipa de ediçom está composta por seis pessoas. Três de nós trabalhamos nos aspetos técnicos, como som a traduçom, a adaptaçom e atualizaçom de dados da versom galega do Atlas. Os outros três companheiros estám a trabalhar no financiamento, difusom e promoçom para fazerem realidade este projeto, como representantes do Novas da Galiza, da Associaçom Galega da Língua (AGAL) e da editorial Difusora de Artes, Letras e Ideas.

No tocante ao modelo de língua, escolhestes a opçom do Acordo Ortográfico. Por que razons?
Este nom foi um tema fácil de resolver. Num primeiro momento pensamos em utilizar a normativa AGAL porque nos parecia apropriada, mas também nom queríamos renunciar a que este trabalho pudesse ultrapassar as nossas fronteiras. Na Galiza temos a sorte de dispor dumha língua internacional, mesmo que nom seja reconhecida internacionalmente. Temos umha sólida base, em critérios históricos, culturais e linguísticos que deve aproximar-nos do resto de naçons lusófonas. Este trabalho é umha maneira de reivindicar essa riqueza e facilitar a conexom linguística.

A obra vem a lume desde a Galiza. Existe algum tipo de tratamento específico para o nosso país?
A respeito da versom original, a Galiza está feita de novo. Baseamo-nos no texto do autor para nom romper o fio da obra, mas como dizia antes consideramos que era escasso, e mesmo pouco rigoroso, e devíamos reinterpretá-lo doutra maneira. A parte histórica foi ampliada e aumentamos a qualidade do texto. Também tratamos o reintegracionismo na Galiza, questom que nom se citava antes. Aliás, adicionamos dados que consideramos fundamentais para umha boa compreensom da particularidade da Galiza, e mais algumha outra cousa da nossa colheita.

O autor dividiu os diferentes povos europeus em blocos linguísticos, e a Galiza estava incluída no bloco de língua románica ou latina. Portanto, tínhamos um problema, já que nom queríamos empregar umha focagem meramente linguística. Explicamos o caso ao autor, e aceitou a nossa proposta de mudar o índice e a ordem dos diferentes povos. Assim, resolvemos adotando um ponto de vista geográfico e desta maneira a Galiza vai figurar como naçom atlántica.

O Parlamento apoia declarar 2016 ano das Irmandades da Fala

A. L. R. / Os grupos políticos com representaçom no Parlamento da Galiza aprovárom por unanimidade umha moçom apresentada polo BNG em que se instava à Junta a declarar o 2016 como Ano das Irmandades da Fala, ao cumprir-se o centenário da sua fundaçom.

A deputada nacionalista Ana Pontón mostrou o seu desejo de que a Junta dote dos fundos necessários aos organismos responsáveis do programa de divulgaçom, o que permitirá estabelecer um programa de atividades para promover o conhecimento do "importantíssimo labor desta organizaçom" para acadar "unha Galiza mais libre, culta, justa e comprometida consigo mesma".

A campanha para que 2016 se declare Ano das Irmandades da Fala nasceu do comité promotor 'Ora Galega', para comemorar o centenário de umha organizaçom que "implicou umha nova forma de conceber o país" com "desenvolvimento da consciência da Galiza, da defesa da sua língua, cultura e identidade".

As Irmandades dérom os seus primeiros passos em janeiro de 1916 e nascêrom oficialmente o 18 de maio do mesmo ano na Corunha. Dentro deste movimentos inserírom-se galegos e galegas como Ramom Vilar Ponte, Micaela Chao, Manuel Lugris, Ugio Carré, Luís Porteiro Garea ou Florêncio Vilar, recolhêrom o testemunho de Murguia, Pondal ou Rosalia.

Homenagem a Mª Victoria Moreno no segundo Dia das Galegas nas Letras

A. L. R. / A plataforma de crítica literária A Sega homenageará na segunda ediçom do Dia das Galegas nas Letras, que se celebrará no 15 de agosto, à escritora María Victoria Moreno, umha autora intensamente dedicada à literatura infantil e juvenil. Moreno faleceu há dez anos em Ponte Vedra, vítima dum cancro de mama, após toda umha vida dedicada à dinamizaçom cultural tanto desde a sua escrita como desde o seu trabalho de professora.

Nacida em Estremadura, a homenageada, umha vez chegada a Ponte Vedra, escolheu o galego como língua para o seu trabalho literário. Entre a sua bibliografia encontram-se contos como *Crarisca e Luceiro*, que levou o segundo prémio do Concurso Nacional de Contos Infantis O Facho em 1972 ou novelas como *Leonardo e os fontaneiros*, *Anagnórise* ou *Guedellas de seda e liño*.

A Sega decidiu lembrar esta figura das letras galegas, difícil de enquadrar nas liturgias culturais oficiais. Assim, as críticas lembram a María Victoria Moreno, "ela que escolheu o lugar onde viver cada minuto, ela que escolheu a família dos afectos, ela que escolheu a língua e a comunidade à que pertencer". Desde o comunicado em que se anunciou a decisom, a plataforma A Sega salienta que "María Victoria Moreno escreveu para todas nós desde o espírito mais abrangente, mais total. Para nosoutras que buscamos nos relatos nenas que nos expliquem a vida nos nossos termos, à nossa idade. Para nosoutras que, adolescentes, procuramos descobrir o desenlace sem saber que o importante está se calhar no caminho".

MARIOLA MOURELO É ATIVISTA FEMINISTA, ATIVISTA NO CAMPO DA FOTOGRAFIA E GÉNERO

“Sermos capazes de utilizar a cámara como ferramenta para contar as nossas histórias permite viajarmos dentro de nós”

ANA VIQUEIRA / As fotografias podem disparar balas feministas. Tal como começárom a realizar na década de sessenta, no século XX, mulheres como Cindy Sherman, Judy Chicago ou a cubana Ana Mendieta. Carregada da luita política das mulheres, Mariola Mourelo empreendeu na Corunha o projeto “Ffotoeduca”, que bebe de Jo Spence, feminista que ao longo dos anos setenta e oitenta expujo na fotografia os estereótipos de sexo, de classe e os atribuídos pola instituiçom familiar. Com ela já faláramos há alguns anos atrás sobre o projeto, agora procuramos as impressons após este tempo de rodagem.

Que é o Ffotoeduca?
Ffotoeduca é um projeto de educaçom feminista através da fotografia no qual levo a trabalhar desde há já 4 anos aproximadamente. Comecei com pequenas tentativas de oficinas para as minhas colegas feministas e aos poucos foi-se abrindo fora dos meus círculos, tocando diferentes temáticas e formatos e também diferentes grupos de pessoas. Em realidade é a uniom de três interesses que formam parte da minha vida: o feminismo, a educação e a fotografia. A ideia é organizar grupos de mulheres, principalmente, onde podamos tomar autoconsciência do nosso role na sociedade e utilizar o diálogo e a cámara como ferramentas de aprendizagem e criaçom de alternativas visuais que nos representem e nos liberem. O Ffotoeduca tem como referência base à Jo Spence, umha fotógrafa feminista de Londres nos anos 80, que trabalhou com grupos de mulheres no bairro de Hackney. Ela decidiu que a melhor maneira de tornar visíveis as oprimidas era facilitando-lhes as ferramentas para contar a sua própria história, e deu-lhes umha cámara e ensinou-lhes a usá-la.

> “Engolimos milheiros de imagens na vida, devemos aprender usar esta linguagem”

Em que consiste o Ffotocreativa Lab?
O Ffotocreativa Lab é um laboratório experimental onde eu proponho umha linha de aprendizagem e um tema, neste caso o autorretrato, e com o grupo vamos dando-lhe forma de acordo com os nossos interesses e energias do momento. Som três sessões, das quais já tivemos duas e vamos ter a última no Sábado 30 de Maio. Estivemos a tirar fotografias, ler imagens, conhecer mulheres fotógrafas, a utilizar o GIMP, programa de ediçom de imagens de software livre e, neste último encontro, transferiremos os nossos retratos a formato físico. A experiência está a ser muito boa, portanto, provavelmente haja umha ampliaçom a partir do próximo setembro.

A fotografia é um arma política?
É, sem dúvida. A fotografia tem colocado muitas situaçons invisíveis em foco, e a sua popularizaçom permitiu que qualquer pessoa pudéssemos criar as nossas visons do mundo em que vivemos. Agora, na era digital, dum modo muito mais rápido, barato e mesmo ecológico que noutras épocas. Eu considero que é imprescindível "alfabetizar" a populaçom para ser capaz de "ler" e "escrever" visualmente. Engolimos milheiros de imagens durante toda a nossa vida, nom fai sentido nom prestar atençom e nom aprender a utilizar esta linguagem do mesmo jeito em que aprendemos a escrever ou falar. A comunicaçom é poder, e isto inclui a comunicaçom visual.

Mariola Mourelo, à direita

> “No Ffotocreativa Lab a ideia principal é o autorretrato como porta de entrada em nós”

> “É espetacular ver o que somos capazes de fazer juntas com umha cámara”

A fotografia é um espaço, e a cámara umha ferramenta, a conquistar polas mulheres?
Com certeza. O ateliê básico do Ffotoeduca chama-se "O que pode fazer umha mulher com umha cámara?" ideia apanhada da Jo Spence. A primeira vez que fixem este ateliê as meninas disseram no início que elas nom se davam bem com a cámara, que nom conseguiam nunca captar a imagem que elas tinham na cabeça. No entanto, ao finalizar o ateliê, as respostas tinham mudado radicalmente, elas estavam mesmo orgulhosas das imagens que conseguiram tirar. A expressom "nom consigo" tornou-se um "fui capaz!". Isso foi fundamentalmente, foi o que fijo clique na cabecinha. Sim, a fotografia vai ser com certeza um espaço a conquistar polas mulheres e eu espero contribuir humildemente com isso. É espetacular ver o que somos capazes de fazer com umha cámara....e sobretodo quando estamos juntas!

Pode a fotografia ajudar a descobrir melhor quem somos?
Eu acho que sim. Olhamos imagens de mulheres e é como se olhássemos para nós mesmas. Nas ateliês utilizamos imagens de mulheres de diferentes partes do mundo, da Galiza, de mulheres locais, de diferentes classes sociais, e é como partilhar umha história comum com a qual sempre conseguimos vermo-nos refletidas dum ou outro jeito. Pensa que as imagens que vemos de mulheres som muitas, mas normalmente som de mulheres muito estereotipadas e dentro duns cánones estéticos muito irreais. Sermos também capazes de utilizar a cámara como umha ferramenta para contar histórias, as nossas histórias, fai que viajemos dentro de nós. No Ffotocreativa Lab esta é a ideia principal, o autorretrato como porta de entrada em nós mesmas.

Todas podemos ser fotógrafas?
Todas podemos utilizar umha cámara, basicamente estám construídas para isso, para que todas as podamos usar. Se me estás a perguntar se todas podemos ser fotógrafas profissionais ou excecionais, pois acho que também, só é questom de dar-lhe tempo e atençom tanto a técnica como a habituar o olho a ver através dumha cámara. Eu mesma ainda estou nisso. Em qualquer caso eu acho que todas estamos a contribuir com a comunidade visual enquanto pensemos as máquinas fotográficas, sejam dum telemóvel como umha cámara profissional, como meios de comunicaçom. A aprendizagem é coletiva, tu aportas umha ideia, ou perspectiva ou erras e eu aprendo dos teus sucessos e erros, assim como outras aprenderám dos meus.

aPorto

Cursos de Português na Cidade do Porto

aPorto são Cursos de Português realizados no Porto, com uma semana de duração. Em 2015 decorrerão na última semana de julho (de 27 a 31) e em três semanas do mês de agosto (de 3 a 7, de 10 a 14 e de 24 a 28).

- Durante as manhãs: Aulas (que têm como objetivo a expressão oral)
- Durante as tardes: Atividades culturais e conversas informais.

Já podes fazer a tua pré-inscrição em www.aporto.org

DESPORTOS

CRAT-UdC CONSEGUE TÍTULO ESTATAL DE RÁGUEBI

As jogadoras do CRAT Universidade da Coruña convertêrom-se na primeira equipa galega em alçar-se com o campeonato estatal de ráguebi. Enfrontou a final da Divisom de Honra feminina como favorita e venceu Getxo com umha contundente vitória por 39 a 5.

12 MEDALHAS NO ESTATAL DE BATÉIS

Tripulaçons galegas, asturianas, cántabras e bascas competírom na LXXII ediçom do Campeonato de Espanha de batéis em Meira, Moanha. No reconto total, as embarcaçons galegas conseguírom um total de 12 medalhas, 2 delas de ouro, para Cabo de Cruz e Mecos.

Montanhismo: subir aos cumes para cuidar o entorno

Ao falar de montanhismo, haverá quem pense nos cumes brancos do Himalaia, em pendentes quase impraticáveis com cordas a ponto de partir, em ventos polares... como os aventureiros da televisom. Mas a prática do montanhismo vai além dessas conceçons espetaculares e, no nosso país, a nível oficial, encontram-se federadas mais de 3000 pessoas que se botam ao monte para desfrutar dele, respeitando o entorno e pondo a prova o corpo e a mente numha prática desportiva afastada das dinámicas competitivas.

A.L.R. / O montanhismo é um dos desportos mais invisibilizados. Trata-se dumha prática que se desenvolve em paragens naturais, longe das grandes centros de competiçom, e em que prima o companheirismo. Quando os media enfocam este desporto nas suas cámaras apenas mostram pessoas que se encontram em situaçons estremas, combatendo contra os elementos a milhares de quilómetros de altura. "Os jornalistas apenas nos chamam quando morre alguém", indica Isabel Alonso, secretária da Federaçom Galega de Montanhismo. E esta prática, com as suas diversas modalidades, nom é luitar contra os elementos. Se bem tem muito de superaçom pessoal, o montanhismo, o sendeirismo e demais variedades baseiam-se também no conhecimento e no cuidado do território.

Falar do montanhismo no nosso país é também falar da nossa história. Já nos anos 30 do século passado existe constáncia da existência de vários grupos de excursionismo na Galiza. Vários dos clubes que ainda hoje continuam ativos superam os 70 anos de idade, como é o caso dos Montañeiros Celtas ou o Clube Pena Trevinca. Este último fundou-se em 1944, estando ligado o seu aparecimento à figura do doutor valdeorrês Gonzalo Gurriarán. Este homem de ciência promoveu a prática do montanhismo na sua comarca, guiando grupos de excursionistas e com umha intensa labor de divulgaçom. A vida desta pessoa estivo, como muitas tantas, marcada polo alçamento fascista. Após passar uns meses agachado no 36, em fevereiro do 37 foi mobilizado como cirurgiám nos hospitais de campanha do bando fascista no frente de Madrid. Na sua volta ao Barco para realizar a atividade médica, segundo indicam trabalhos historiográficos, desenvolveu também umha colaboraçom com outras pessoas bem conhecedoras do monte: os maquis fugidos no monte aos quais teria emprestado assistência médica.

Mais de 50 clubes

Atualmente na Federaçom Galega de Montanhismo, que conta com umha trajetória de 50 anos, encontram-se mais de 50 clubes de toda a geografia galega e, segundo indicam desde a própria federaçom, no presente mês de maio estavam federadas umhas 3740 pessoas, notando-se um incremento nos últimos anos. Assim, em 2011 as pessoas federadas chegavam às 2078. A secretária da Federaçom, Isabel Alonso, quem leva uns 30 anos no mundo do montanhismo, crê que as causas deste ascenso tenhem a ver com umha maior presença na web e também com o aumento de atividade que tivo a federaçom, tanto a nível competitivo como formativo.

Assim, nas competiçons organizadas pola federaçom, com a colaboraçom do resto de clubes, encontram-se as taças galegas de escalada (cuja seguinte prova será na compostelana Praça da Quintá no mês de junho), de andainas de 50 km ou de carreiras de montanha. Mas nom som apenas atividades competitivas, a federaçom organiza também acampamentos infantis, a marcha com vivac (dormir à intempérie, de forma improvisada) e diversos cursos de formaçom através da Escola Galega de Alta Montanha.

O montanhismo galego conta também com projeçom internacional, havendo várias desportistas galegas de alto nível. O nome mais conhecido é o de Chus Lago, quem escalou em 1999 o Everest sem oxigénio artificial. Mas também há nomes como o de Séchu López, o primeiro galego em subir o Annapurna. Mas estas ascensons de alto risco às vezes som maes da tragédia e em 2013 falecia numha queda o alpinista galego Abel Alonso, junto com outros dous companheiros, na montanha Gasherbrum I, no Himalaia.

Natureza e companheirismo

"Mas nom todas subimos o Himalaia", lembra Isabel Alonso. Assim, na Galiza existem dúzias de sendeiros para percorrer e numerosos paisagens de meia montanha em que há que ter especial cuidado se se quer ir no inverno, como é o caso da Pena Trevinca. "O montanheiro é umha pessoa que cuida a natureza", define, para assegurar que muita legislaçom de proteçom natural nom se teria desenvolvido se nom fosse polas pessoas que percorrem os montes do país.

Alonso indica também que a presença feminina neste desporto é ampla e que "nunca sofremos discriminaçom". Deste jeito, lembra que para o montanhismo é fundamental o companheirismo: "É um desporto que une muito. Nom é apenas jogar um jogo e ir embora, vives muito com os companheiros, vamo-nos conhecendo, ajudando-nos, partilhamos refúgio...". Alonso marca como repto para o futuro continuar crescendo e que também medre o respeito pola natureza, um dos objetivos centrais deste desporto.

> "Os jornalistas apenas nos chamam quando morre alguém"

> O companheirismo é fundamental para a prática do montanhismo

TEMPOS LIVRES

ETNOGRAFIA

Toponímia queer

C.C.V. / Há uma história nas margens que fala de sexo, prostituição e repressão machista. É uma história silenciada e desprezada que, porém, às vezes emerge em topónimos –conforme ao velho *ethos* galego que inscreve a história na terra e no espaço- dos que talvez já nem lembramos o significado[1].

Há em Carral e noutros concelhos topónimos que parecem aludir a antigos prostíbulos, hoje escurecidos sob as luzes de néon dos modernos clubes de alterne (cujos nomes, a propósito, bem merecem um estudo sobre a mitologia da masculinidade que neles ecoa: o clássico "Don Juan", o nacional-popular "A Raposeira", o nacionalista "Suevia"...). No caso da padronesa Eua do Bordel, o cardeal Jerónimo del Hoyo, após uma visita em 1600 polas possessões do arcebispado de Santiago, apontou que em Padrão havia outra porta "hacia el Norte que se dice de Bordel, (era donde dicen que había casa pública)"[2]. Também aparecem no país topónimos aparentemente relacionados com as casas de prazer, como a tudense Praça do Prazer, embora haja que ter em conta que no século XVII uma casa do prazer era apenas um hospital ou casa de repouso. Quanto ao Prazeres que nomeia um lugar e uma praia de Louriçám, já o Padre Sarmiento advertia que "todos creen es casa de placer, y no es sino *casa junto al placer o bajío de arena*..."[3]. Em efeito, poderia tratar-se dum hidrónimo procedente da burguesia catalã que se implantara na zona, posto que *placel* em catalão –e mui de acordo com a realidade do sítio- é um baixo ou banco de areia no fundo do mar. Igualmente, perto do cabo de Corruvedo acha-se o Prazer de Farrapadas.

Galeras, por outra parte, é um topónimo urbano –mais castelhano do que castelhanizado- que dá nome a ruas de Santiago de Compostela, Corunha e Betanços; nos dous últimos casos em singular: Rua de Galera. A palavra castelhana galera designava o castigo penal aplicado até 1771 com os presos condenados a remar em galeiras reais, mas posteriormente sofreu um deslocamento semântico, passando a referir-se às prisões-reformatórios de mulheres. No dicionário galego de Eladio Rodríguez galeira significa precisamente "cárcere de mulheres". Para a rua compostelã está documentada a existência duma destas prisões na zona da atual Rua de Galeras. Antonio López Ferreiro historiou a sua construção com evidente simpatia: "Como en toda ciudad algo popular, no escaseaban entonces en Santiago (século XVIII) las mujeres de mal vivir, que con su indolencia y sus maneras incitaban al vicio y a la corrupción. El Sr. Rajoy proyectó recluir en una casa-galera a todas cuantas pudiese (...). La casa de Galera, constituída por un gran salón dividido por biombos o ligeros tabiques en numerosas alcobas, fue construída al lado del hospital de Carretas. En el año 1770 ya estaban terminadas las obras y recogidos los tullidos y las mujeres"[4]. Eram os anos em que se projetavam na Galiza vários intentos de "grande encerro" que afetavam a mulheres solteiras e sem tutela masculina, também chamadas nos documentos da época "mulheres livres". Quanto à homónima rua corunhesa, Carré Aldao sinala que "la de la Galera (chama-se assim) por haber habido en ella este establecimiento penitenciario"[5].

1. F. Cabeza Quiles, *Os nomes de lugar*, Vigo, Xerais, 1992.
2. Jerónimo del Hoyo, *Memorias del Arzobispado de Santiago*. Santiago, Porto, 1607, p. 155.
3. P. Sarmiento, *Colección de voces y frases gallegas*, Universidad de Salamanca, 1970, p. 391.
4. A. López Ferreiro, Historia de la Santa A. M. Iglesia Catedral de Santiago, t. 10 (Apêndices documentais). Santiago, 1898, pp. 123 e 125.
5. *Geografía general del Reino de Galicia*, vol. 5. Corunha, 1980, p. 546.

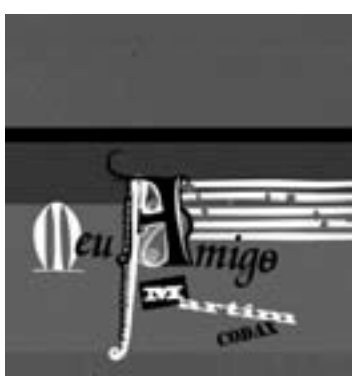
ENTRELINHAS

MEU AMIGO MARTIM CÓDAX

R. MELIDE / A originalidade estética é a nota predominante nesta obra coletiva que, para além da compliaçom musical, constitui em si mesmo um trabalho de divulgaçom e um exercício de reconstruçom da lírica medieval sob novos parámetros.

Martim Códax, ainda sendo dos mais estudados, publicados e interpretados dos autores medievais galego-portugueses, é umha personagem misteriosa polo incógnito da sua biografia. Pouco ou nada se sabe da sua personalidade. Provavelmente procedente do sul da Galiza (daí a reiteraçom do topónimo *Vigo* na sua obra), teria composto o seu cancioneiro no século XIII. As suas obras aparecem recolhidas no Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa e no Cancioneiro da Vaticana.

O corpus lírico e musical que ficou do nosso jograr é revisitado nesta obra coletiva que sai à luz da mao da Através Editora em chave de folque, pop, rock ou mesmo tango. Um pilar fundamental na elaboraçom do livro-disco é o facto de se conservarem as notaçons musicais das cantigas, o que permite umha reinterpretaçom e adaptaçom das mesmas às sonoridades dos nossos dias. Só há umha cantiga (*Eno sagrado em Vigo*) da qual



nom nos chegou a notaçom, o qual, longe de constituir umha limitaçom, age como sustento de umha maior liberdade criativa em base ao poema.

Em 1914 era achado o pergaminho Vindel, o qual desvelava pola primeira vez o acompanhamento musical dumhas cantigas medievais galego-portuguesas. Através dele, chegárom a nós as músicas de todas as cantigas de Martim Códax exceto umha. Por muito tempo, o Vindel ficou como testemunho único da música da lírica medieval na nossa língua, até que em 1990 era localizado na torre do Tombo de Lisboa o Pergaminho Sharrer com as notaçons das sete cantigas de amor atribuídas ao rei Dom Dinis de Portugal.

O projeto *Meu Amigo* visa a divulgaçom da lírica medieval galego-portuguesa através do cruzamento das cantigas de Martim Códax com muito diferentes estilos musicais, já forem estes antigos ou contemporáneos.

Dentro dos códigos sonoros presentes no disco, o grupo de música antiga Ars Anterga ocupa-se do que hoje entenderíamos como as sonoridades mais fiéis à interpretaçom das cantigas feita no medievo. No campo dos ritmos mais contemporáneos, contamos com a interpretaçom de sete grupos de diversas tendências musicais procedentes da cidade de Ourense, tais como Bird of Hermes Proyect, Burgas Beat, Chamuyo Tango, Colectivo Ar, María Mendoza, Mcarballo ou Os Amigos dos Músicos.

QUE FAZER

15 e 16.05.2015 / FESTA DO DEZASSETE / Todo o dia. COMPOSTELA
Na sexta-feira, palestra e concerto no CSOA Escárnio e Maldizer (Algália de Arriba). No sábado, bicicletada, sessom vermu e jantar no Pichel, foliada, ceia e concertos de The Tetas' Van, Nao e DJ Peixe Gordo.

16.05.2015 / CELEBRAÇOM DO DIA DAS LETRAS GALEGAS / 19:30 no Faísca (Rua Toledo, 9). VIGO
Recital de poesia e micros abertos.

16.05.2015 / FOLIADA DAS LETRAS / 20:00 no Torrecino (Cela). BUEU
Às 20:00 foliada infantil, e desde as 21:30 foliada aberta.

16.05.2015 / COMEMORAÇOM DA PRIMEIRA FUNÇOM DO TEATRO PROFISSIONAL GALEGO / 21:00 na Casa da Cultura (Carvalheira de Santa Mínia, 5). BRIOM
Representaçom de *Novo de Parmuide*, de Roberto Vidal Bolaño. A seguir, homenagem ao autor na carvalheira, diante da sua estatua.

17.05.2015 / POETRY SLAM / 20:30 no Clube Social Charenton (Rua Ramón Nieto, 59). VIGO
Concurso-recital de poesia em galego ou português, organizado com a colaboraçom do Centro de Interpretaçom da Oralidade de Vigo.

19.05.2015 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 17:00 no parque de Belvis. COMPOSTELA
Feira de produtos locais, biológicos e de comércio justo. Todas as terças-feiras.

19.05.2015 / PROJEÇOM DE *NÁUFRAGO NA LÚA*, DE KIMSSI PYORYUGI / 21:00 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Ciclo de cinema oriental.

20.05.2015 / PROJEÇOM DE *O TIROTEO*, DE MONTE HELLMAN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

22.05.2015 / REPRESSENTAÇOM DA OBRA DE TEATRO *CROQUETAS* / 21:00 em El Halcón Milenario (Rua Cervantes, 18, 1º D). VIGO
Criada e protagonizada por Iria Pinheiro. A obra poderá-se ver durante cinco fins de semana, em horário de 21:00 e 23:00 nos sábados, e às 12:30 nos domingos. Entradas em *halconmilenario18@gmail.com*.

23.05.2015 / CONCERTO DE ALEJANDRO VARGAS / 21:00 no Multiúsos da Junqueira (Passeio da Junqueira, s/n). REDONDELA
Ciclo 'Rede de músicas soltas'.

23.05.2015 / CANTOS DO MUNDO / 21:00 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

23.05.2015 / CONCERTO DE ATAQUE ESCAMPE / À noite no Clube Social Charenton (Rua Ramón Nieto, 59). VIGO

23.05.2015 / SESSONS H.A.L.O. / 00:00 no Xáncara Jazz (Isabel II, 6). VIGO
Atuam Pablo Seoane (piano), Fernando Abreu (clarinete) e Saúl Puga (contrabaixo).

RAMIL (AGOLADA)

Dia da Diversidade Natural e Cultural e outras atividades na primavera da Eira da Xoana

A Eira da Xoana é umha casa situada no lugar de Ramil (Agolada) que serve de base para um projeto de ADEGA através do qual a associaçom pretende pôr em prática os seus "princípios ecologistas e socioculturais".

A casa oferece umha importante programaçom de atividades relacionadas com a natureza, que nesta primavera começam no sábado 16 de maio, data de comemoraçom do Dia da Diversidade Natural e Cultural.

No sábado, 6 de junho, está prevista umha jornada de atividades comunitárias, que implica trabalhos organizativos e de mantimento, além dum jantar de convívio e outros entretenimentos.

Nesse dia vai ficar todo pronto para a Feira da Primavera na Eira da Xoana, que será no domingo 7 de junho. Inclui diferentes atividades lúdicas e umha feira de produtos biológicos e artesanais galegos.

A associaçom irá confirmando programaçom e horários de cada umha das atividades na sua página web: *http://eiradaxoana.com/*.

PEDAGOGIA DA TERRA

'Xanela aberta ao sur 2015'

'Xanela Aberta' é um programa educativo promovido por Amarante Setem para reflexionar sobre a educaçom e o território em que se tratam diferentes experiencias de Pedagogia da terra. No dia 16 de maio há umha sessom de 'Análise de experiências educativas noutros paises', e nos dias 6 e 7 de junho falará-se sobre 'A escola na Galiza como dinamizadora comunitária', partindo da experiência do CPI Virxe da Cela, de Monfero. Mais informaçom em *http://www.amarantesetem.org/*.

PORRINHO

Festival de Cans para pechar maio

A aldeia porrinhesa de Cans acolhe novamente, em finais de maio, o seu festival de curtametragem. O encontro será do dia 20 ao dia 23 de maio e inclui, além do concurso de curtas, projeçons de documentários e videoclipes, programaçom infantil, concertos e apresentaçons. O programa completo, com os horários e os espaçons das projeçons, está na página web: *http://www.festivaldecans.com*.

24.05.2015 / ROTEIRO POLO BOSQUE DE INUNDAÇOM (BEGONTE) / 09:00 frente à Faculdade de Formaçom do Professorado (Avenida Ramón Ferreiro). LUGO
Organiza Adega-Lugo. Há que reservar em *adegalugo@adega.gal* ou ligando para o 982 240 299.

26.05.2015 / PROJEÇOM DE *A CINCO CENTÍMETROS POR SEGUNDO*, DE BYÔSOKU SENCHIMÊTORU / 21:00 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO
Ciclo de cinema oriental.

27.05.2015 / CONCERTO DE ORA COGAN / 20:30 na Casa Tomada (Estaçom de Renfe). CORUNHA

27.05.2015 / SESSOM VIRXINIA POLKE / CLAUDIO PATO / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. Projeçons de *Dioses*, *To Face* e *Parque Europa*. Com a presença de Claudio Pato.

28.05.2015 / SESSONS H.A.L.O. / 22:00 no Bar Bizarre (Irmandinhos, 11). VIGO
Atuam Juan Creck (eletrónica, voz, objetos), Macarena Montesinos (violonchello) e David Santos (baixo).

29.05.2015 / VENRESPIRIÑO / 20:00 / VENRESPIRAR / 21:00 no café Picasso (Rua A Corunha, s/n). OURENSE
Festa tradicional itinerante organizada por Algaravia Associaçom Cultural e AOFT Gomes Mouro. Primeira parte para nenos e nenas.

29.05.2015 / CARA A CARA DE POETAS, COM ANA ROMANÍ / À noite no Clube Social Charenton (Rua Ramón Nieto, 59). VIGO
A seguir, sessom de sofá e vídeos 'We tape'.

30.05.2015 / CURSO DE COZINHA ORIENTAL / 10:00 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

30.05.2015 / CURSO DE COZINHA VEGANA / 16:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Especial agar-agar; organizam A Gentalha do Pichel e Vacaloura Santuario Animal.

05.06.2015 / APRESENTAÇOM DO LIVRO *O PEQUENO É GRANDE*, DE XOÁN CARLOS CARREIR E EMILIO CARRAL / 20:30 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

06.06.2015 / SESSONS H.A.L.O. / 00:00 no Xáncara Jazz (Isabel II, 6). VIGO
Atuam LAR Legido (bateria) e Par Sax (saxofone).

11.06.2015 / SESSONS H.A.L.O. / 22:00 no Bar Bizarre (Irmandinhos, 11). VIGO
Atuam María Move (voz), Marcos Padrón (acordeom) e Cibrán Rey (percussom).

11 a 13.06.2015 / FESTIVAL MILLO VERDE / Toda a jornada. REDONDELA
Atuam Sacha na Horta, The Electric Swing Circus ou Maskarpone. Mais informaçom em *http://milloverde.org/*.

13.06.2015 / MONÓLOGO *NO PENSAR*, COM CARLOS MEIXIDE / 22:00 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

14.06.2015 / ROTEIRO POLO LOUREIRAL DE CORTEGADA / 09:00 frente à Faculdade de Formaçom do Professorado (Avenida Ramón Ferreiro). LUGO
Organiza Adega-Lugo. Há que reservar em *adegalugo@adega.gal* ou ligando para o 982 240 299.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | info@novasgz.com

JARA, PATRICIA, ARANTZA E SANDRA SOM AS INTEGRANTES DE 'HABELAS HAINAS'

"As meigas dim que nom vam calar ante as injustiças pola falta de direitos básicos e que, sem mordaças, vam botar coplas polo maio"

ANA VIQUEIRA / Quatro mulheres ocupam os cenário, cantam em galego até se converter em berro e tocam um folque que se agarra ao som tradicional. No seu nome enxerga-se refraneiro e a política de provocaçom de que na Galiza nom conseguírom caçar as meigas... polo menos, nom todas.

Habelas Hainas, atrevemo-nos a supor que o vosso nome indica que vistes ou conhecestes meigas. Quanto há delas no vosso trabalho?

Meigas somos as que luitamos por atrever-nos a ser como queremos ser, todas as mulheres anónimas das nossas vidas, as avós, as maes, as amigas, as mulheres extraordinárias do quotidiano, as dos trabalhos invisíveis, as silenciadas, as bruxas caçadas de todos os tempos que fam magia cada dia. Marías Soliño, Constanzas do Pazo, Marías Balteira, Maiores García, Anas Gómez, Marías, Coralias, Luzes Fandiño...homenagem às mulheres habilidosas, histéricas, independentes, livres e loucas. Netas nós, de todas elas, porque nom conseguírom queimá-las.

Recentemente, umha de vós foi discriminada por ser mulher. Negavam-lhe a possibilidade de tocar. Tínhades recebido antes umha violência machista assim?

Micromachismos há a moreias nas sociedades e os eidos musicais nom estám isentos. Na nossa experiência salientamos algumhas das expressons prejudiciais relacionadas com a exclusom (*nom podem vir tocar mulheres porque nom é tradicional*), com a estranheza de que umha nena seja percussionista (*que raro, umha nena tocando o tambor*), com as jerarquias e relaçons de poder pressupostas dentro dum modelo vertical de grupo (*e logo onde vai o diretor?, falta-vos o chefe! quem manda?*), com a invisibilizaçom através da língua (*Os Habelas Hainas*), ou com a suposta debilidade por ser mulheres (*nom ides aguentar tocando tantas horas*). Ponhem de manifesto essa "violência simbólica" implícita, subjacente, que está presente nalguns encontros da música tradicional atual em que grupos de cantareiras continuam a luitar para que "o gaiteiro" nom as pise e para tentar intervir ao redor dos interlúdios ou descansos deste, também na normalizaçom de quem saca os puntos nos bailes ou os que botam as mãos à cabeça cada vez que transformamos algumha copla que perpetua contravalores que nom queremos reproduzir, já que nos sentimos parte dumha tradiçom diversa, longa e viva em permanente mudança e recriaçom a partir dum ponto de vista feminista e social.

Como se reage à violência machista no cenário?

Os cenários som espaços diversos e necessários de comunicaçom e de expressom artística dos sentires e inquietudes pessoais e sociais. Sem dúvida, os melhores som as ruas do mundo. A comunicaçom é mais direita, de tu a tu, partilhando alento mutuo das pessoas que se achegam. Talvez a melhor forma de combate seja a criaçom e recriaçom, a energia criada entre nós mesmas quando tocamos juntas, a proteçom e a confiança mutua, a participaçom noutros projetos artísticos com companheiras, a retroalimentaçom, o carinho e a boa vontade de quem escuita e participa, e o apoio incondicional entre companheiras doutras formaçons e associaçons culturais do país que apostam na música em galego e ao vivo.

Sodes mulheres, cantades em galego com letras politizadas. Sempre foi a vossa aposta?

O natural e o pessoal é político. Somos mulheres, cantamos na nossa língua e as nossas letras falam do que nos afeta e sentimos como mulheres, trabalhadoras, músicas de raiz que formam parte dumha formosíssima tradiçom musical, e como galegas. Nunca debatemos fazê-lo doutra forma, foi algo natural, como parte da nossa identidade e das ánsias de vidas mais dignas, justas, felizes e autodeterminadas para todas.

Às vezes as nossas propostas estám motivadas polos cantos das nossas avós, melodias de transmissons orais intergeracionais, cancioneiros populares galegos, encontros musicais noutros recantos do mundo e, sobretodo, pola colaboraçom com outras companheiras doutros eidos artísticos, como é o caso do "Eskápate do escaparate", música para os créditos do documental *Deu centimetres més a prop del cel*, de Raquel Rei, sobre a moda opressora das mulheres através dos sapatos de salto, "Salvadora" baseada numhas melodias de Sam Salvador de Padreiro para o documental sobre os petos das mulheres pola economia sustentável *Sempre foron cinco*, ou a versom em galego do "Hymne de Femmes" do Movimento de Liberaçom feminista francês (MLF) dos anos 70, motivado pola exposiçom *Levounsnous* de Carolina Cruz Guimarey, assim como a colaboraçom com poetas galegas como Xiana Arias, Andrea Nunes, Luz Fandiño ou Rosalía Fernández.

E como vedes o que está por vir? Que vos contárom as nossas meigas?

Contam que mudárom as vassoiras por guarda-chuvas voadores que vam em direçom aos "bairros que brilham com luz própria", ante as sabotagens culturais que estamos a viver em Compostela. Dim que nom vam calar ante as injustiças pola falta de direitos básicos ainda; e sem mordaças, vam botar coplas polo maio, levantando as candeias nesta autêntica cidade da cultura, sempre viva, sempre em luita.

Lara Rozados

CAMPOS DE BATALHA

"Your body is a battleground" punha a Barbara Kruger num dos seus trabalhos fotográficos. Nele aparecia o rosto duma mulher partido pela metade: um lado, em positivo; outro, em negativo.

O corpo das mulheres é o terreno onde se livram as batalhas mais cruentas. Desde que nascemos, é submetido a pressom para se ajustar ao cânon patriarcal e capitalista. A sexualidade é-nos expropriada e domesticada para responder ao que se nos diz que é uma mulher. Quem atravessamos uma gravidez temos que montar guarda contra a violência obstétrica, e quem nom quer passar por uma gravidez nom desejada tem de enfrentar-se à onda de fascismo que estamos a viver e que pretende desativar décadas de luta pelos direitos sexuais e reprodutivos. Mesmo recentemente, além Minho, duas mulheres foram obrigadas a se espremer os seios perante médicos para demonstrarem que estavam a aleitar realmente as suas crianças e não era uma estratagema para a redução de jornada.

Quando escrevo isto, uma mulher foi assassinada no hospital de Ourense, após ingressar com sérios traumatismos fruto duma agressão do seu homem. Ele mesmo entrou no centro para rematá-la com uma faca. Nom havia ordem de afastamento. Evidencia-se que o próprio Estado é criminoso, que legitima e permite o feminicídio. Sem me mover da Galiza, encontro que os abusos sexuais dum professor às suas alunas "som expiados" com 400 euros. As meninas atreveram-se a falar do que acontecia graças ao apoio duma professora que lhes falou de nom ter medo.

Remato com outra artista: Ana Mendieta usou o seu próprio corpo como dispositivo político, para significar a morte, a ausência, as negaçons do corpo, a violência. O Reina Sofía dedica-lhe uma retrospetiva ao seu ex marido e provável assassino, o minimalista Carl Andre. O corpo de Mendieta é apagado, negado. Uma pegada na terra, um oco. Campo de batalha, como o de todas nós.